



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PPGLE

AGILCELIA CARVALHO DOS SANTOS

A SEXUALIDADE NA ESCOLA: A VOZ DO SILÊNCIO

João Pessoa

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO - PPGLE

A SEXUALIDADE NA ESCOLA: A VOZ DO SILÊNCIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino - PPGLE - do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística e Ensino.

Autor (a): Agilcelia Carvalho dos Santos

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Aldrigue

João Pessoa

2017

AGILCELIA CARVALHO DOS SANTOS

A SEXUALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA: A VOZ DO SILÊNCIO

BANCA EXAMINADORA:

Orientador (a): Ana Cristina de S. Aldrigue – UFPB

ELIANE FERRAZ ALVES _ UFPB

SÔNIA MARIA CÂNDIDO DA SILVA _ UFPB\CCAE

ONIREVES MONTEIRO DE CASTRO – UFPB

João Pessoa

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha companheira Emmanuelle Magdala que muito contribuiu para que esse sonho se concretizasse; à minha orientadora , assim como todos os professores desse Mestrado e a Banca, por suas orientações sábias; à minha família e aos amigos (as) que sonharam esse sonho comigo e a todos que de alguma forma lutam contra todo tipo de preconceito e discriminação.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas merecem ser citadas nesse trabalho. Infelizmente não é possível escrever o nome de tanta gente que contribuiu com essa dissertação e com o que sou hoje.

Agradeço a Deus, por todas as oportunidades e por todas as pessoas maravilhosas que Ele colocou em minha vida para ajudar e somar em especial minha família que sempre me apoiou e esteve comigo em todos os momentos.

À minha companheira Emmanuelle Magdala que dividiu seu tempo, atenção, compreensão e ajuda nos momentos bons e difíceis.

Agradeço pelas amizades preciosas com as quais pude contar em todos os sentidos, que dedicaram seu tempo e ouvidos para me ouvir e incentivar.

Aos meus professores, pela forma como dividiram conosco seus conhecimentos e acreditaram em mim quando, em algum momento até eu duvidava de minha capacidade.

À Banca que me orientou de forma sábia; aos funcionários que possibilitaram um ambiente organizado, limpo e acolhedor.

De forma especial, quero agradecer à minha orientadora (Ana Aldrigue) que esteve sempre por perto e atenta às minhas necessidades de orientação e incentivo.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar os enunciados discursivos, numa perspectiva foucaultiana, nos textos argumentativos dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, a fim de compreender qual a representação desses alunos em relação à diversidade sexual e os direitos dos alunos homossexuais. Partiremos da seguinte questão: a escola como agência do conhecimento proporciona a desideologização e, consequentemente, o acolhimento solidário das pessoas que se comportam de uma forma diferenciada, em relação à heteronormatividade? Apesar da incompletude dessa pesquisa (espero que seja o começo de outros trabalhos) podemos perceber que o tabu e o silêncio ainda imperam na escola e isso contribui para a evasão, o fracasso acadêmico e pessoal desses jovens e adolescentes que, por não suportarem a pressão física e psicológica se voltam para o uso de drogas, tentam e/ou praticam o suicídio, passam a vida fugindo de si mesmas e não conseguem desenvolver relações sociais saudáveis com parceiros e com a sociedade de maneira geral. É possível observar que o bullying homofóbico também contribui com a indisciplina uma vez que a escola não procura resolvê-lo de forma eficaz. Felizmente algumas escolas já despertaram para a urgência de discutir a diversidade sexual como forma de diminuir o ódio e a intolerância, minimizando, dessa forma os sérios problemas educacionais e sociais.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Educação. Currículo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the statements discourse in Foucault's perspective on argumentative texts of students of the 3rd year, in order to understand what the representation of these students regarding sexual diversity and gay rights. The school as a knowledge agency provides the de-ideology and consequently the solidarity with people who behave in a different way in relation to heteronormativity? During the research we realized that the taboos and silence still prevails in school and this contributes to the avoidance, academic and personal failure of these young people and teenagers, not to bear the physical and psychological pressure turn to drug use, try and / or practice suicide, they spend their lives running away from themselves and fail to develop healthy social relationships with partners and the general society. You can see that homophobic bullying also contributes to indiscipline as the school does not seek to solve it effectively. Fortunately some schools have awakened to the urgency of discussing gender and sexual diversity as a way to reduce hatred and intolerance, thus minimizing the serious educational and social problems.

Keywords: Diversity Sexuality. Education Curriculum .

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	9
1.1 Metodologia	12
CAPÍTULO 2: BREVE HISTÓRIA DA HOMOFETIVIDADE	16
2.1. Da Antiguidade à Idade Média	17
2.2. Da Idade Moderna aos dias atuais	21
CAPÍTULO 3: HOMOSSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO	28
3.1. Homofobia e Bullying Homofóbico	29
3.2 Homossexualidade e Currículo	35
3.2.1. Por que Discutir Orientação Sexual na Escola?	41
3.2.2. Teoria Queer e Currículo Escolar	44
CAPÍTULO 4: FOUCAULT	49
4.1 Principais Ideias de Foucault	52
4.1.1. Poder e Disciplina	53
4.1.2. Poder e Saber	55
4.1.3. Poder e Discursos	57
4.1.4. A Subjetividade como Resistência Política e Educação	59
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXOS	76
Anexo 1: Textos dos Alunos	76
Anexo 2: Projeto de Intervenção	101
Anexo 3: Resumo dos Filmes	106
Anexo 4: Textos	109

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Vivemos num sistema capitalista bastante contraditório que promove a concorrência, o individualismo exacerbado, o utilitarismo, a destruição das relações sociais, e ao mesmo tempo exige que as pessoas saibam trabalhar em equipe, tenham iniciativa, respeitem opiniões, entre outros. Enquanto a economia prioriza o lucro e a mercadoria é mais valiosa que o ser humano, o sistema exige trabalhadores produtivos, com a autoestima positiva e que se relacionem de forma harmônica e respeitosa. Embora o mercado necessite de uma sociedade homogênea, as empresas buscam profissionais que sejam especializados.

Diante desse panorama mundial, de tantas contradições e incertezas, a discussão da realidade social e de temas que auxiliem a pensar e desenvolver um raciocínio crítico pode ajudar e muito em relação à aprendizagem de si e do outro. Nesse sentido a homossexualidade é um dos temas mais recorrentes na sociedade, mas pouco discutido nas Escolas.

Com uma trajetória de preconceito e discriminação em relação aos homossexuais, não nos surpreende ainda hoje ouvir de uma mãe: “preferia que meu filho fosse um ladrão e minha filha uma prostituta a ser veado e sapatão”. Os anos se passaram e muitos direitos foram conquistados, mas uma ideologia não se muda em algumas centenas de anos.

Em Arán e Corrêa (2004), lemos que a sexualidade passou a ser discutida nas Escolas só em 1996, mas de forma ainda muito tímida e apenas âmbito da saúde, gravidez na adolescência e basicamente nas aulas de Biologia. A homossexualidade ainda era tabu e normalmente assunto proibido.

A instituição dos Temas Transversais já foi um avanço. Pois foram pensados com o intuito de melhorar as relações sociais. Dessa forma, pode o professor discutir a homossexualidade dentro do núcleo de conteúdos ou temas, sob a denominação geral de "Convívio Social e Ética" transversalmente aos conteúdos tradicionais. (BUSQUETS, 2000).

Os Temas Transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, tratam basicamente de preocupações contemporâneas como a igualdade de direitos, a dignidade do ser humano e a solidariedade cujo propósito é ajudar o aluno a enfrentar o mundo atual com mais respeito e sem discriminar quem quer que seja. (BRASIL, 1997).

O MEC, ao elaborar os PCN propõe a discussão dos Temas transversais que tem como objetivo o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos diferenciados existentes relativos à sexualidade, garantindo a dignidade do ser humano (BRASIL, 1997). Dentre os objetivos dos PCN está o das pessoas reconhecerem as características sociais atribuídas ao sexo masculino e ao sexo feminino. Tais características são definidas pela concepção de com gênero, que é uma concepção histórica e não psicológica ou psiquiátrica. A pesquisadora Meyer ressalta que o conceito gênero representa:

(...) todas as formas de construção social, culturais e linguísticas implicadas com os processos que diferenciam homens de mulheres, incluindo aqueles processos que produzem os corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. (MEYER, p. 16 apud SOUZA, 2008).

Ainda, de acordo com Louro,

Não é propriamente o sexo ou não são exatamente as características sexuais que nos permitem dizer o que ou quem é masculino ou feminino, mas sim tudo aquilo que associamos aos sexos, a forma como representamos determinadas características, comportamentos, valores e habilidades. (LOURO apud DINIZ, 2008 p.100-101).

Outro avanço na discussão sobre gênero foi a criação, em 2004, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), com o objetivo de articular, entre outras questões, a diversidade e a inclusão nas políticas educacionais. Também foi lançado o Programa Brasil Sem Homofobia que ao ser levado para as escolas contribuiu para que muitos

jovens fossem tratados com mais respeito, inclusive sendo chamados pelo nome social.

A Escola como uma instituição fundante na formação de valores e na defesa da cidadania não poderia ficar de fora desse processo de lutas e transformações sociais que incluem a luta e os sofrimentos de pessoas que são excluídas por serem homossexuais.

Apesar de todas as lutas por direitos humanos, o mundo vive sérios conflitos pela intolerância ao diferente. A escola não pode se negar a cumprir o seu papel na formação da cidadania, do respeito à singularidade e às diferenças de cada estudante. Não podemos como escreveu Díaz (2012, p.143): “ser engrenagens da máquina panóptica prolongando indefinidamente seus poderes de aviltar e denegrir”.

A homossexualidade se opõe ao comportamento sexual que se perpetuou como padrão social e norma: a heterossexualidade. Mas toda sexualidade é apenas um dispositivo social como escreveu Foucault em várias obras ([1976]; [1997]; [1977]; [1994] etc.) e não transtorno de identidade como quer alguns grupos inclusive de médicos, psicólogos e educadores.

De acordo com Louro (2013 p.30), “A escola é sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual”, de modo que, ao chegar nessa instituição, os alunos tenham que esquecer quem são, tem que negar a si mesmos e se despir de sua sexualidade. Isso não seria incongruente com as mensagens de cidadania e respeito que ensinamos? Como respeitar o outro se não são ensinados a se respeitarem?

Pesquisar a homossexualidade na Educação certamente contribuirá para a construção de alunos engajados (as) socialmente, uma vez que se relacionar com o outro é uma condição importante para o sucesso profissional e pessoal. Dessa forma, a escola desperta a autonomia, o senso de coletividade e a democratização das relações, contribuindo na formação de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos.

A escola sozinha não poderá mudar esse cenário, mas pode e muito contribuir para a consolidação da cidadania, pois a democracia se constitui pela prática cidadã. Ser cidadão implica o indivíduo ser livre em suas escolhas,

opiniões e no modo de viver. Só existirá respeito ao homossexual quando houver democracia de fato e as relações forem intermediadas pelo diálogo.

O que talvez a escola ainda não tenha compreendido é que, ao silenciar sobre essa temática está compactuando com o preconceito e a discriminação, permitindo que muitos alunos desenvolvam uma autoimagem negativa, desistam de estudar, negando a si mesmos os seus sentimentos e desejos e carregando o fracasso do estigma.

Justamente a escola, que deveria ensinar a sermos quem somos, ensina a ser como a sociedade quer que sejamos - a ser “normal” e a se comportar como se a sexualidade fosse algo que pudéssemos nos despir a qualquer momento a depender das circunstâncias.

Um mecanismo utilizado pela escola no sentido de fazer calar as vozes contrárias à homofobia é a vigilância tal como sinalizada por Foucault (1999), os alunos e professores se sentem constantemente vigiados quanto ao que deve dizer fazer e acreditar.

Em Vigiar e Punir (1999), Foucault declara que as sociedades modernas se caracterizam essencialmente pela disciplina dessas sociedades que fazem com que a maioria das pessoas não se arrisque a defender um pensamento considerado rebelde e insubordinado como é o caso da homossexualidade ou, em outras palavras, um aluno homossexual.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas. As disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, 1999)

Nesse sentido, a escola como um aparelho ideológico do Estado é fundamentalmente disciplinadora e esconde seu preconceito através da tolerância. Porém, a tolerância não é suficientemente democrática para ser uma passagem para um estágio superior (ROUANET apud ABRAMOWICZ e SILVÉRIO, 2005).

1.1 Metodologia

Essa pesquisa terá uma abordagem qualitativa que, de acordo com os estudos de Minayo (2004, p.21-22), oferece uma visão histórica do mundo tendo como base a mensuração, o processamento e a análise dos dados científicos. Consideramos esse modelo de pesquisa a mais eficiente para esse trabalho por ser a que é possível trabalhar com conceitos subjetivos tais como: aspirações, paixão, dor, crenças, valores, os significados pessoais, etc.

Primeiramente, foram realizados estudos aprofundados, acompanhados de anotações e fichamentos em documentos bibliográficos em livros e periódicos na perspectiva de analisá-los e interpretá-los. Depois esses documentos foram submetidos a uma seleção daquilo que poderia ser objeto da fundamentação teórica.

A análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade. (FERNANDES Apud ALVES e SILVA, 1992, p.65).

Escolhemos uma escola pública, pois se percebe nela um espaço totalmente plural, onde as Leis e os Decretos devem ser atendidos e praticados prioritariamente e os ensinamentos visam atingir todas as classes sociais.

Quanto à pesquisa estar relacionada aos alunos do Ensino Médio, é por entendermos que nessa faixa etária há uma maior colaboração e talvez um maior discernimento em relação à sexualidade.

Outra etapa do trabalho foi encontrar os alunos para discutir gênero e sexualidade explicando a história da homossexualidade no Brasil e no mundo e a consequente naturalização da homofobia. Feito isso os alunos escreveram textos sobre essa temática que foram lidos e estudados baseados na Análise do Discurso Francesa, mais especificamente com base nos estudos foucaultiano.

Foucault foi o teórico contemplado porque suas propostas estão voltadas para o sujeito como um ser com liberdade, historicidade e responsabilidade por

ele mesmo e pelo outro. Nele encontramos a discussão teórica que fundamenta a nossa proposta de pesquisa.

No primeiro capítulo, abordaremos um pouco da história da homoafetividade no Brasil e no mundo. Não será um trabalho aprofundado e completo por não ser objetivo maior desse trabalho.

A historiografia nos ajudará a entender as razões do preconceito e os motivos da sua permanência nos dias atuais, um pouco da luta dos homoafetivos por conquistar os seus direitos. Por questões didáticas dividiremos em capítulo em alguns tópicos: Idade Antiga, Idade Média e da Idade Moderna à Contemporaneidade.

O segundo capítulo versa sobre as homoafetividade e suas relações com a Educação. Nesse Capítulo, procuraremos responder a questão: As Escolas Públicas Estaduais trabalham a temática Homossexualidade? Se não trabalha, quais as razões?

Para compreendermos melhor a questão, esse capítulo foi dividido em alguns sub-tópicos: Homofobia e Bullying na Escola, Porque Discutir Orientação Sexual na Escola e Educação e Currículo.

Em Homofobia e Bullying na Escola, salientamos os inúmeros casos de preconceito e discriminação na escola e suas consequências muitas vezes irremediáveis. Interessante notar que esse comportamento homofóbico sempre é compactuado pela equipe técnica, professores e gestores quando nada fazem para minimizar ou acabar com o sofrimento de tantas crianças e adolescentes.

O item Porque Discutir Orientação Sexual na Escola relaciona e discute as inúmeras vantagens em trabalhar com a diversidade sexual como tema transversal em todas as aulas e em todos os eventos da comunidade escolar.

Educação e Currículo atestam a importância política que constitui a escolha dos assuntos e disciplinas a serem trabalhados na escola. Também, enfatizamos a importância do currículo oculto que perpassa todas as relações entre trabalhadores da educação e alunos.

Ainda com relação ao Currículo, tratamos sobre Teoria Queer e educação como uma proposta inovadora e revolucionária, eficaz na formação de relações justas e igualitárias.

O terceiro capítulo tem como objetivo apresentar Foucault e suas principais ideias. Consideramos de suma importância entender as experiências vivenciadas pelo teórico, pois são essas vivências que fundamentarão as análises de temas fundamentais para a educação com gênero.

Nesse sentido, optamos por alguns temas (dentre tantos interessantes), pois acreditamos serem fundamentais no desenvolvimento dessa pesquisa: Poder e Disciplina, Poder e Saber, Poder e Discurso e a Subjetividade como Resistência Política e Educação.

Em Poder e Disciplina Foucault nos mostra que a Escola é uma das maiores e mais eficazes agências de disciplinamento. É na escola, que se forma um sujeito submisso, acrítico, dócil e improdutivo, mas nele também podemos ver que a escola pode ser um instrumento de mudança e de revolução da sociedade como um todo e da vida do aluno em particular.

No tópico “Poder e Saber”, Foucault nos alerta que é através do saber que o poder se configura com mais força, que manipula que controla e que regulamenta. Ao se conhecer as formas de poder é que o indivíduo pode resistir.

Quanto ao tópico Poder é Discurso, Foucault afirma que não é o homem que faz o discurso, mas ele é formado em meio aos discursos que são anteriores a ele, aprende-os e repete-os espontaneamente, sem estar consciente do seu processo. Nesse sentido, a escola pode mostrar os diversos tipos de discursos e ajudar os alunos a se tornarem mais críticos e conscientes do discurso do *outro*.

No último tópico desse Capítulo, “A Subjetividade como Resistência Política e Educação”, abordaremos porque a Escola não pode privar de trabalhar temas que contribuem para a formação emocional e a subjetividade do indivíduo, como as questões éticas, os valores, o multiculturalismo, as relações consigo e com o outro e, sobretudo, a refletir e criticar verdades estabelecidas.

O Capítulo 5 trata da análise e discussão dos textos escritos por alguns alunos do 3º ano da Escola Estadual Pintor Manoel Bandeira. Essa análise é realizada a partir das ideias de Foucault, na Análise do Discurso, objetivando pensar em propostas didáticas para esta e outras escolas que silenciam sobre a temática diversidade sexual.

CAPÍTULO 2: BREVE HISTÓRIA DA HOMOFETIVIDADE

Segundo Dagnese (apud SANTOS, 2015), vários relatos de historiadores de culturas antigas evidenciam datar o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo tanto quanto a própria existência humana. Essa história com seus avanços e retrocessos contribui para os discursos atuais em relação às homossexualidades e por isso faz-se necessário uma abordagem, ainda que sucinta desse caminhar.

Muitos historiadores relatam que a homossexualidade é tão antiga quanto à humanidade e até comum entre animais. De acordo com a obra de Spencer (apud DIETER, 2012), as práticas homossexuais datam de 10.000 anos e eram tidas como rituais de iniciação do adolescente à fase adulta. Acreditava-se que sendo iniciados sexualmente pelos parentes, os meninos absorviam a força e a coragem dos adultos ao passarem da infância para a fase adulta (SANTOS 2015).

A relação entre pessoas do mesmo sexo não tem uma história única e linear, mas muda de acordo com o tempo e os valores de cada sociedade. Sabe-se, porém, que sempre existiu em todas as sociedades. Para umas era natural, para outras era sinônimo de prestígio e até de iluminação espiritual, tais como a romana, a grega e a asiática.

Segundo Willian Naphy (apud MARQUES, 2008), nenhuma civilização oriental anterior ao monoteísmo incriminava ou discriminava as relações homossexuais. O preconceito acontece a partir da narrativa bíblica, no livro de Gênesis, quando Deus destrói as cidades de Sodoma e Gomorra (antigas cidades da Palestina) por viverem em diversos pecado incluindo sexuais.

Por causa desse acontecimento durante toda Antiguidade e Idade Média práticas homossexuais denominava-se sodomia. Para os cristãos, depois de Abraão, o sexo deveria ser feito apenas com o objetivo de procriação. (FRANÇA e BAPTISTA, 2007).

2.1. Da Antiguidade à Idade Média

Na Grécia a prática homossexual era tão comum que ainda hoje alguns a chamam de “amor grego” ou “amor socrático”. Essa prática tinha o sentido de transmissão de conhecimento, sabedoria e integração do jovem na sociedade da época, sendo a única exigência era que ao tornar-se adulto a pessoa se tornasse sexualmente ativo.

No fim do Império Romano, a aceitação de relações homossexuais mudou quando o imperador Justiniano passou a punir a homossexualidade com a fogueira e a castração, alegando que a prática homossexual não era um ato aceito por Deus.

Devido a essa repressão tornou-se comum à bissexualidade. Os homens casavam com mulheres para reproduzir, mas viviam a homossexualidade sendo que esta só era aceita entre um homem livre e um escravo, que assumia a atitude sexualmente passiva própria de seres inferiores, como as mulheres, e com os adolescentes. (MOREIRA e MADRID, 2010).

De acordo com Dieter (2012), em Esparta na Antiga Grécia, o amor entre os homens era incentivado especialmente entre os militares, pois esse sentimento faria o guerreiro lutar não só pela Pátria, mas também por seu companheiro. O espartano convivia toda a vida com rapazes e só casava depois dos trinta anos, mas continuava morando com os amigos de luta até os 60 anos quando ia se dedicar à política.

Na Índia, a relação entre iguais assumia ares místicos. Segundo Moreira e Madrid (2010), somente através dos orgasmos seria possível compreender os enigmas dos deuses. O fato de serem seus próprios deuses bissexuais e hermafroditas facilitava a prática homossexual naquela civilização.

Na China, a homossexualidade era tida como natural e influenciada pelos imperadores que tinha os seus prediletos. Estes recebiam riquezas e prestígio. Para ser o favorito havia muitas disputas e isso também ocorria no Japão. (MOREIRA e MADRID, 2010).

De acordo com Mott (2001), nesse longo período, as práticas homossexuais continuavam a ser denominadas de sodomia. O sodomita era um pecador e qualquer pessoa poderia cometer esse pecado que era basicamente o pecado de desperdiçar o sêmen (não procriar).

Como foi um período de muitas guerras, doenças como a peste negra e como também as pessoas viviam pouco tempo, cerca de 30 anos, o desperdício do sêmen poderia consistir na destruição de humanidade. Essa ideologia perpassou centenas de anos, mas hoje sabemos que as pessoas que se relacionavam sexualmente com iguais também mantinham, quase sempre, relações heterossexuais. (VECCHIATTI apud DIETER, 2012).

O preconceito também foi reforçado pela relação entre peste negra e homossexualidade. Os sodomitas passaram a serem culpados por Deus castigar a Europa de forma tão cruel. Certamente por trás dessa ideologia havia também o interesse econômico e o religioso, pois se não houvesse muitos nascimentos haveria pouca mão de obra nas fazendas, poucos consumidores, além da redução de dízimos e ofertas para a Igreja. (TREVISAN, 2011).

A situação da Europa ficou ainda mais crítica com a Reforma Luterana quando Lutero expõe para o mundo da época os problemas morais que a Igreja enfrentava como as cobranças absurdas de dízimos e ofertas, o comércio de indulgências e relíquias enquanto os padres viviam de orgias sexuais e consumo de álcool. (BOULOS, 2009).

Foi nesse contexto que a Igreja assistiu ao nascer do protestantismo, a fuga de muitos fiéis para as Igrejas Protestantes e numa atitude de desespero para evitar que isso continuasse acontecendo, a Igreja toma algumas decisões as quais vão atingir sobremaneira os sodomitas e vai mudar a vida cultural, moral e religiosa dos habitantes do Brasil daquela época.

A Inquisição [...] tratou de controlar a sexualidade das pessoas. Os inquisidores, sob o manto do Santo Ofício, tentaram conter os supostos comportamentos heréticos, através de uma fortíssima campanha moralizante que controlava as condutas individuais. Delitos sexuais como a sodomia, bestialismo e outros contatos sexuais assimilados às heresias eram julgados e punidos pela justiça secular. Essa ação controladora, especulativa e punitiva extrapolou os muros romanos,

alcançando outros países, inclusive o Brasil. (FRANÇA, e BAPTISTA, 2007).

Para moralizar a Igreja da época institui-se o Santo Ofício que vai punir severamente os praticantes do sexo nefando “aquele cujo nome não pode ser mencionado [...] mais grave que o matricídio, a violência sexual contra crianças, o canibalismo, o genocídio e até o suicídio”. Sendo o maior de todos os pecados, deveria ser penalizado com as penas mais rígidas como ser enterrado vivo, queimado vivo ou castrado (MOTT apud SOUZA E SILVA 2011).

O sodomita passivo era considerado mais culpado do que o ativo, pois “ceder à penetração era uma ab-rogação simbólica do poder e da autoridade”. Além disso, a postura passiva foi sempre reservada aos inferiores como as mulheres e os escravos. (MOREIRA e MADRID, 2010).

Segundo França e Baptista (2007), havia outros crimes que também causava o “desperdício” do sêmen como masturbação, bestialidade, sexo fora do casamento e algumas posições entre heterossexuais como a mulher por cima do homem, em pé ou sentada que dificultava a fecundação também eram sujeitas as penas mais brandas como degredo, galés, prisões e confisco de bens.

Quanto à homossexualidade feminina era um assunto mais polêmico já que o pecado maior consistia no desperdício do sêmen e a mulher não possuía nem o sêmen, nem o pênis. Elas eram degredadas por três anos e só sofriam penas maiores quando a relação fosse com crianças ou que incluísse violências. (FRANÇA e BAPTISTA, 2007). Como vemos na citação de Vecchiatti:

(...) qualquer ato sexual praticado fora do casamento e, ainda que nele, sem o intuito da procriação, passou a ser condenado por essas religiões, fosse esse ato homo ou heteroafetivo – condenava-se a libertinagem, mas não determinado tipo de amor, sendo que se considerava como libertina qualquer atividade sexual que não visasse unicamente à procriação. Assim, no que tange à classificação judaica, o ato sexual realizado fora do casamento, fosse ou não libertino, passou a ser visto como uma “impureza”, que por isso deveria ser combatida. (VECCHIATTI apud. DIETER, 2012, p.3).

Dessa forma, não só os sodomitas, mas qualquer relação sexual que não tivesse como objetivo a procriação era alvo da Santa Inquisição. É curioso perceber que de todos esses a relação entre homens ainda é a mais recriminada, alvo de atitudes preconceituosas culminando muitas vezes em assassinatos com requintes de crueldades como assinala Mott em *Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013/2014*.

Conforme Santos (2015), antes dos portugueses chegarem ao Brasil em 1500 os índios viviam a sexualidade com muita liberdade, tanto que, ao chegarem se scandalizaram com a prática generalizada da homossexualidade sendo estes os mais perseguidos pela Santa Inquisição ficando atrás somente dos judeus.

O Brasil era um paraíso para as práticas homossexuais e vários foram os motivos que contribuíram para isso: a distância da Metrópole.

A fraqueza da estrutura eclesiástica, a ausência da Inquisição até o fim do século XVI a frouxidão dos costumes, a nudez dos índios, a liberdade dos índios e negros, grande contingente territorial, o grande número de pessoas que chegavam deportados pelo motivo de nefandices. (ALVES, 2011).

De acordo com o autor acima citado, “a própria medicina indígena era frequentemente exercida mediante intercuro anal pelo pajé da tribo com os enfermos”. Lembrando que o Pajé era a autoridade máxima e o exemplo a ser seguido.

Com a chegada dos inquisidores o paraíso se transformara em purgatório onde os deportados viam pagar seus pecados e logo seria o verdadeiro inferno para todos os sodomitas:

Com a chegada do primeiro visitador Heitor Furtado de Mendonça, em 1591, no Brasil, criou-se uma atmosfera de medo e insegurança em todos os habitantes, por serem constantes os casos de pessoas acusadas ao tribunal. Os delatores eram dos mais variados convívios, indo de vizinhos a parentes, e até mesmo os próprios sujeitos praticantes da sodomia, se confessavam, como forma de aliviar as suas faltas, sendo estes levados a tal ação movidos pelo sentimento de culpa, devido à religião ou por medo das possíveis punições (...) (ALVES, 2011, p.5).

Vainfás (2010), diz que todos se sentiam vigiados e com a falta de privacidade da época era fácil flagrar as pessoas nos matos, mantendo relações condenadas pela Igreja.

A recompensa de 50% dos bens da vítima para o delator era uma oferta tentadora e se porventura não possuísse bens a própria Igreja pagava. Por outro lado, quem soubesse de algum crime de sodomia e não denunciasse perdia seus pertences e era degredado perpetuamente. (Trevisan, 2011).

Segundo Alves (2011), as denúncias feitas por negros, índios e mulheres contra senhores ricos, brancos e padres raramente eram ouvidas e apenas quando eram acompanhadas de violência e abuso de poder mesmo assim as penas eram mais brandas enquanto que os padres nada sofriam até porque a Igreja ficaria sem ministros.

Conforme Trevisan (2011), certos autores acreditam que a prática homossexual florescia dentro dos colégios jesuítas, entre os numerosos órfãos que os padres mandavam vir de Portugal. Diante do exposto é possível inferir que os sodomitas homens e pobres foi para a Igreja um bode expiatório para justificar a moral e os costumes impostos para a sociedade.

2.2. Da Idade Moderna aos dias atuais

O antropocentrismo é uma das características básicas da Idade Moderna, quando o homem e seus problemas passam a tomar o centro das questões filosóficas ao contrário da Idade Média que era Teocêntrica e tudo era explicado com base na orientação religiosa.

O Renascimento (o retorno aos valores da civilização greco-romano) vai influenciar decisivamente na forma de pensar e viver a homossexualidade. Já que, uma de suas principais características é o Antropocentrismo Agora as pessoas são protagonistas e responsáveis por suas escolhas e não mais Deus ou a Igreja como se pensava na Idade Média. A ciência passa a ser a autoridade máxima e não mais a Bíblia ou a Igreja.

Já no fim do século XIX, a relação entre iguais deixa de ser um pecado para se tornar objeto de estudo da ciência que mesmo sem nada conseguir

provar, declarou que a homossexualismo era uma doença, uma anomalia, um distúrbio que precisava de cura.

A ciência também estabeleceu os critérios de normalidade/anormalidade, sendo a relação heterossexual consagrada como modelo e, portanto o padrão em relação a qual todas as outras seriam comparadas e hierarquicamente consideradas inferiores e patológica.

As práticas e os hábitos sociais foram objetos de atenção das ciências, que se voltaram com o propósito de compreendê-los, estudá-los e controlá-los, fazendo emergir as categorias de normalidade/anormalidade, especialmente no campo sexual. Neste, o tema da homossexualidade ganhou destaque quando surgiram pesquisas médico-científicas procurando nomear e classificar as variações sexuais, logo marcadas e rotuladas como desvios ou patologias. (MOREIRA, 2012 p. 2).

Segundo Moreira (2012), a relação homossexual deixa de ser um acontecimento apenas e passa para o campo da ciência médica como desvio e patologia (homossexualismo) e objeto de controle, regulação e punição da ciência jurídica. O homossexual passa a ser “uma espécie, uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida” (FOUCAULT, 1994).

Nesse sentido, o homossexual é uma personalidade com identidade própria e modo de viver específico que se diferencia do comportamento da maioria, do que é estabelecido. É aquele que consegue viver de acordo com o que acredita e não para agradar a sociedade com seus dogmas.

A palavra normal deriva do termo latino norma, que designa o “que não pende nem para a direita nem para a esquerda”, mantendo-se, portanto, “num justo meio”. Ou seja, essa designação privilegia a noção de equilíbrio, ressaltando que “é normal [...] aquilo que se encontra na maioria dos casos [...]”, passando a ser até mesmo sinônimo de natural. (LALANDE, p. 737-738 apud MOREIRA, 2012 p.263).

Dessa forma todas as pessoas são ensinadas a se portar dentro dos padrões sexuais como se a heterossexualidade fosse à única possível e mais indicada. Não só os homossexuais são vigiados, regulados, constrangidos, mas os próprios heterossexuais para que não venham a assemelhar-se ou a

contaminar-se com a homossexualidade como se a mesma fosse contagiosa ou influenciável.

A homossexualidade passou a ser encarada como sinal de degenerescência, surgindo um julgamento moral, fruto de discursos religiosos, jurídicos e médicos. Todos esses discursos serviram para criar o estereótipo homossexual, como a “figura da antinorma ou do desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais”. Arrogados sobre esse poder, normatizado pelos padrões médico higienistas, “outorga-se o poder de atacar ou destruir física ou moralmente os que dela divergem ou simplesmente se diferenciam”. (COSTA, apud MOREIRA, 2012, p.267).

Essa normatização causada pela ciência aumentou sobretudo o preconceito e a discriminação em relação à homossexualidade de modo que os homossexuais por muitos anos viveram presos em si mesmos com medo até de falar muito e na sua fala deixar transparecer sua opção sexual. O receio de todo tipo de violência fez calar a voz e muitas vezes o desejo de viver a sexualidade e ser feliz. (SOUZA e PEREIRA, 2013).

À medida que o Estado foi se organizando e a Revolução Industrial se consolidando, as classes menos favorecidas iam sendo paulatinamente higienizadas por meio de campanhas de moralização e higiene coletiva. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferência (...) (TREVISAN apud MOREIRA, 2012, p.262)

A consolidação do capitalismo para se firmar de forma efetiva teria que contar com a mais valia (MARX, 2008) e nesse sentido quanto maior as famílias, maior o número de trabalhadores e consumidores dos produtos que os mesmos fabricavam.

Segundo Moulin (SOUZA e PEREIRA, 2013), Foucault relata que a história da sexualidade deve ser desenvolvida e compreendida a partir de uma história do discurso. Esta, também, estaria ligada as relações de poder e dominação econômica e política. Em 1890, o Código Penal Brasileiro previa a punição para práticas homossexuais entre os homens. As referências no texto eram sutis, com utilização de palavras como "atentado ao pudor" e

"libidinagem", o que permitia várias interpretações por parte dos juristas, punindo de acordo com a classe social do réu.

Somente no século XX, mas precisamente com a revolução feminista de 1960 e as ideias foucaultianas trazidas para o Brasil pelos intelectuais anistiados pela ditadura militar, é que aos poucos a relação com a homossexualidade começa a mudar impulsionada pela liberdade sexual. Com a pílula contraceptiva, a sexualidade passar a ser vista como um ato do prazer e não somente para a reprodução. É esse mesmo feminismo que vai se unir, na década de 70, nos movimentos sociais por direitos aos homossexuais. (FRANÇA e BATISTA, 2007).

Fortalecidos pelas lutas dos homossexuais em outros países, os brasileiros se organizam através de grupos como o SOMOS¹ e através de revistas e jornais começam a difundir a ideia do orgulho gay já vivenciada nos Estados Unidos. Criticam o Estado e a inferiorização da mulher em relação aos homens, ao mesmo tempo em que difundem o pensamento de Foucault que considera o sexo um "dispositivo histórico".

Com o advento da AIDS no final dos anos 80, a homossexualidade sofre um dos seus piores reveses ao ser a doença apelidada de "o câncer gay". De alguma forma isso uniu o movimento e a luta mudou o foco. Era preciso pensar em questões jurídicas que dessem aos casais homossexuais direito à pensão, divisão de bens conseguidos juntos e a autonomia para cuidar do companheiro(a) enfermo(a). (ARÁN e CORRÊA, 2004).

Na década de 90, multiplicam-se os grupos gays. Um dos mais famosos por suas conquistas é o Grupo Gay da Bahia que denunciar publicamente a violência contra homossexuais e as injustiças sofridas diante da morte do companheiro, conquistando a solidariedade de muitos heterossexuais.

¹A organização do movimento LGBT no Brasil tem seu marco com a formação do grupo Somos – Grupo de afirmação homossexual, composto por estudantes, artistas e intelectuais no final da década de 70, com o objetivo trazer ao Brasil as discussões sobre sexualidade que já se faziam havia algum tempo nos Estados Unidos e na Europa. Os membros do grupo queriam tornar a homossexualidade visível à sociedade brasileira e, para isso, participavam de debates em universidades, passeatas, manifestações de repúdio à intolerância, etc. (Caderno Brasil sem homofobia, 2004). Eles também objetivavam formar alianças com outras minorias como os negros, os índios, as feministas e o movimento ecológico. Como resultado dessa luta, já na década de 80 a homossexualidade foi retirada do Código Penal e do Código Internacional das Doenças. (FRANÇA e BATISTA, 2007).

Segundo Trevisan (2011), em sua obra *Devassos no Paraíso*, o Grupo Gay da Bahia foi o primeiro a ser registrado como sociedade civil e liderou uma campanha nacional juntamente com vários parlamentares, a Associação Brasileira de Psiquiatria e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A campanha tinha como objetivo o Ministério da Saúde para que esse não considerasse mais o Homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. Esse conceito sobre o homossexualismo que havia sido retirado da lista de distúrbios mentais nos EUA, em 1973, pela American Psychiatric Association.

No final da década de 90, o Conselho Federal de Psicologia (1999) estabeleceu normas éticas regulando o trabalho dos psicólogos (as). A partir daquele documento nenhum profissional dessa área poderia colaborar com eventos e serviços que considerasse a cura das homossexualidades.

Aos poucos os homossexuais vão se conscientizando da força política que possuem. Isso ocorre na medida em que se organizam, conquistam direitos, atraem a simpatia e a solidariedade de outras minorias, superam o próprio preconceito e a discriminação social.

Durante as reuniões pró-constituente, um homossexual assumido se destaca por falar no Congresso Nacional em duas das subcomissões. Seu objetivo era inserir o termo “orientação sexual” no artigo 3º da Constituição, que dispõe sobre “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

O projeto de João Antônio Mascarenhas, tido como o fundador do Movimento Homossexual Brasileiro, não foi bem sucedido, mas ficou o exemplo de coragem, luta e a certeza da força política que um grupo unido possui que vai influenciar em muitas outras lutas por direitos não conquistados.

O ano de 1995 foi marcado por grandes acontecimentos ligados à questão da orientação sexual: criação da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais); realização da 17.^a Conferência da liga (International Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender and Intersex Association) no Brasil; e apresentação do Projeto de Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo no Congresso Nacional. (Caderno: Escola sem Homofobia, 2004).

No Brasil, A ABGLT nasceu em Curitiba, com a participação de 31 grupos afiliados. Hoje ela soma mais de 200 organizações em todos os estados da Federação, tornando-se a única associação do gênero com dessa envergadura. Firmou-se no cenário nacional a partir de seus projetos institucionais, como responsável por muitas das políticas públicas para LGBTs, implementadas em todo país. Dentre seus projetos, destacam-se: o Aliadas, que faz incidência política junto ao Congresso Nacional para aprovação de leis em prol das pessoas desse segmento; o projeto ONU/Mercosul, que trata das questões internacionais, acompanhando a política diplomática do Brasil junto a essas instâncias no que se refere aos direitos dos LGBTs, em consonância com o movimento internacional; e o Observatório BSH, que monitora as ações do Programa Brasil sem Homofobia, assim como sua implementação e acompanhamento dos resultados.

Outra ação foi à realização da 17.^a Conferência da ILGA, no Rio de Janeiro, em junho de 1995. Fato marcante para o movimento em âmbito nacional, na medida em que o circunscreveu no cenário internacional, possibilitando diversos avanços futuros. Ao final da Conferência, marcando ainda mais substancialmente a história do movimento, aconteceu a primeira manifestação com o sentido de gay pride: uma passeata na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, na qual milhares de pessoas exibiram o orgulho por sua orientação sexual e por sua identidade de gênero. Durante os trabalhos da Conferência foi debatida a primeira versão do Projeto de Lei que trata da união civil entre pessoas do mesmo sexo. “Este projeto foi apresentado ao Congresso Nacional, constituindo um marco na luta pelos direitos civis das pessoas LGTB.”

A Constituição Federal, no seu art. 5º, assegura que todos os brasileiros são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo tanto aos brasileiros, como aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade não só propriedades materiais, mas somos donos do nosso corpo, da nossa sexualidade.

Hoje, no Brasil, a homossexualidade não é mais considerada doença, perversão, desvio, é uma orientação sexual como a heterossexualidade. Para

algumas religiões ainda é considerada pecado, mas, somos uma Pátria laica e as doutrinas religiosas não deveriam interferir nas decisões políticas.

Não existe ainda, em nosso País, nenhuma lei Federal que criminalize a homofobia. Em 2004 e em 2008 tivemos duas ações realizadas pelo Executivo que tinha tudo para pelo menos minimizá-la. O primeiro foi o Programa Brasil sem homofobia que tinha como objetivo trabalhar nas escolas os direitos dos cidadãos LGBT.

A segunda ação foi à realização da I Conferência Nacional de Políticas Públicas para a População LGBT, onde se pensou nas políticas públicas que pudessem igualar todos os cidadãos em direitos. Foi nessa Conferência que se delineou a luta pelo casamento civil. As duas ações foram inéditas e serviram de modelos para vários países.

Em 2011, houve uma grande vitória para as homossexualidades no momento em que o Supremo estabeleceu a União estável (Código Civil, art. 1723) entre os iguais. Resultando daí vários direitos, entre os quais como a inclusão da/o parceira/o em planos de saúde, previdência, associações/clubes, divisão de bens adquiridos na união e direito à herança.

Ao postular no inciso IV, do artigo 3º, “o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A Constituição Federal de 1988 deixa implícita, entre os princípios constitucionais fundamentais, a redução das desigualdades, considerando a diversidade sexual.

Como pudemos constatar nessa breve historiografia,

Se o sodomita é condenado à fogueira, se o homossexual é considerado um doente suscetível de ser encarcerado ou se o perverso acaba seus dias nos campos de extermínio, é porque eles deixam de participar da natureza humana. A desumanização foi, assim, a *conditio sine qua non* da inferioridade, da segregação e da eliminação dos “marginais em matéria de sexo”. (BORRILLO apud SEPULVEDA, 2014).

A história nos ajuda a compreender como o preconceito e a discriminação, em relação às homossexualidades, foram se instalando ao longo do tempo, como ainda persiste até nossos dias e os jogos de interesses a ela atrelados.

Difícil é entender como hoje, apesar dos avanços científicos e tecnológicos e da democratização que ocorreu em vários países do mundo essa situação desumana continua.

Adiante iremos analisar a importância da educação na formulação de novas políticas e práticas pedagógicas que podem contribuir para a construção de um país mais igualitário e justo onde as pessoas sejam respeitadas em seus direitos como cidadãs.

CAPÍTULO 3: HOMOSSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

A sexualidade em todas as suas formas de expressão está presente na sociedade e, particularmente, na Escola. Infelizmente algumas instituições tratam desse assunto como se fosse um adereço que os alunos utilizam antes de entrarem e de saírem do espaço escolar. (LOURO apud LUCION, 2016).

A sexualidade está tão presente quanto os alunos, até porque não é possível separar uma pessoa em “departamentos” somos um todo: corpo e mente, e a escola não pode mais negar essa discussão ou desenvolvê-la apenas na perspectiva biológica.

Conforme Louro o que mais marca os alunos numa escola não são apenas os ensinamentos ligados ao cognitivo, mas o que se relaciona diretamente com nossas experiências de vida:

As marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (Louro, G. p.18, 2013).

Segundo Foucault (1999), “a sexualidade é um dispositivo histórico” constituído de acordo com os valores de cada época e de cada civilização, mas infelizmente as escolas silenciam essa temática e quando abordam o fazem

apenas na perspectiva biologizante como se fosse algo da natureza humana “nascer homem e mulher”, negando toda diversidade presente na sala de aula.

Como nos alerta França e Batista (2007), “Ainda hoje a sexualidade guarda seus esquemas classificatórios, fundados na oposição e hierarquização entre masculino/feminino, ativo/passivo, o homem é o sujeito e a mulher o objeto”. Essa concepção vai definir o currículo escolar e contribuir com a presença da homofobia, hierarquização sexual e injustiça social.

3.1. Homofobia e Bullying Homofóbico

Segundo Junqueira (apud SEPULVEDA e LUIZ 2017), o termo homofobia foi cunhado na década de 70 do século XX e tinha como significado o medo expresso por heterossexuais de estarem na presença de homossexuais, a partir daí o conceito passou por muitos questionamentos e significações diferentes.

Conforme Borrillo (2015), atualmente o conceito de homofobia passou a ser também “um dispositivo de vigilância das questões de gênero, dispositivo esse que atinge todos os sujeitos, independentemente da orientação sexual que possuem” e em todos os lugares, até na escola que deveria ser uma agência de formação da identidade e da cidadania.

A escola está deixando de ser um lugar aprazível, acolhedor e seguro para ser um local violento onde todos sofrem: desde as vítimas, até os que praticam e/ou compactuam com a violência. Em relação ao bullying homofóbico na escola, a gestão pode estar contribuindo com a ela quando há a impunidade.

O desrespeito ao homossexual se tornou tão comum nas escolas que até se criou um novo conceito de bullying: o bullying homofóbico. Segundo Louro (apud JUNQUEIRA, 2009, p.15), é o termo específico utilizado para os diversos tipos de violências sofridas pelas homossexualidades:

A homofobia é consentida e ensinada nas escolas. Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas veem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões

desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica. A escola configura-se, assim, como um espaço institucional de opressão, o que se deve, ainda, à participação ou à omissão dos sistemas de ensino, da comunidade, das famílias, da sociedade, das instituições e do Estado.

Segundo Neto (2016), o “*bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia” aos homossexuais como também àqueles que por não ter o perfil definido pela sociedade como heterossexual também é alvo da homofobia.

A constante repetição das ofensas, muitas vezes ocorre por causa da impunidade, sendo que muitos professores acreditam que as ofensas são brincadeiras. Como explicar se as ofensas são brincadeiras diante das consequências?

Andrade (2004) cita como consequência do bullying homofóbico a estigmatização, o isolamento, a depressão crônica, a ansiedade, o suicídio, o abuso de substâncias psicoativas, o fracasso escolar e/ou a evasão, a baixa autoestima e os conflitos de identidade. Ainda podemos citar a dificuldade em se relacionar afetivamente, a escolher uma carreira profissional ou a crescer na profissão escolhida.

Marinoble (apud ANDRADE, 2004 p. 84), por sua vez, destaca que entre “adolescentes homossexuais o número de tentativas de suicídio é duas vezes maior do que entre os heterossexuais”.

Moita (apud FERREIRA e SANTOS, 2014, p.198) ainda cita como consequência do bullying homofóbico, “a homofobia internalizada que é a incorporação de hostilidades quanto a sua própria orientação afetivo-sexual”, esse fato contribui para pensamentos e atitudes autodestrutivas, levado o homossexual a se sentir menos digno de respeito e de direitos.

Casos homofóbicos são pouco registrados nas escolas. Os professores em sua maioria, não reagem a essa violência e os próprios homossexuais não se queixam até porque sabem que isso será mais um motivo de chacota, além disso, chegar ao conhecimento dos pais que podem rejeitá-los (as) ou ter dúvida quanto a sua orientação sexual. (Caderno escola sem homofobia, 2004).

De todos os preconceitos e discriminações a homofobia é um dos causa mais dor a vítima, pois é acometida em todos os espaços sociais, inclusive na família, pois os pais na maioria dos casos, não sabem como lidar com a homossexualidade de seus filhos e para a escola isso é um assunto privado.

A escola que deveria ser um espaço de construção de conhecimento, muitas vezes nega as informações e o debate sobre diversidade sexual, quando deveria promover o raciocínio crítico e o respeito não impede atitudes irracionais, desumana e homofóbica.

Conforme Santos (2015), a escola funciona pelo uso de poderes ou micro poderes que regulamenta os discursos, interditando-os, reproduzindo a exclusão, a desigualdade e a discriminação, contudo, ainda é possível que ela escolha perpetuar preconceitos, minimizá-los ou destruí-los a partir de uma educação para a diversidade.

Para Louro (2000, p. 30),

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância.

A escola e a família quando se nega a abordar o tema Diversidade Sexual tratando os alunos como se todos fossem heterossexuais, aceitando piadas que constroem e os homofóbicos não sofrem qualquer punição, pouco contribuirá com o desenvolvimento de relações democráticas e cidadã.

A violência simbólica, citada no Caderno Escola sem homofobia (2004) que se constituem em gestos, olhares, sorrisos, piadas e linguagens também são bullying homofóbico, atitudes que estabelecem que a vítima seja inferior socialmente simplesmente por não se enquadrar nos modelos hegemônicos e suas normas sociais.

A homofobia também pode se revelar através da “aceitação condicionada” quando um grupo ou uma pessoa diz que ama e aceita o

homossexual, mas como condição de ele se manter no armário e ou viver sua sexualidade escondido. (Cadernos Escola sem homofobia, 2004).

Como bem descreve Fassin (apud BORRILLO, 2015, p. 24),

No mundo social, toda a gente gosta dos homossexuais em geral – inclusive, muitas pessoas têm amigos homossexuais em particular. Entretanto, ninguém iria ao ponto de defender a igualdade das sexualidades, proposição radical que esbarra no senso comum: mesmo que nada exista de anormal na homossexualidade, cada um de nós sabe que o casamento ou a filiação reconhecida aos casais do mesmo sexo não seriam considerados uma situação normal.

Com toda legislação já instituída e ainda que outras leis fossem estabelecidas faz-se necessário que a educação tome para si a responsabilidade de quebrar os tabus e as informações errôneas, mas tidas como dogmáticas em relação a homossexualidade.

A ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estabelece que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de discriminação ou constrangimento”.

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (Artigo 17, da Lei 8069/90).

Se Escola e a família ensinarem o respeito às diferenças as leis seriam repensadas e obedecidas por adquirirem um maior significado. Independente das singularidades, de acordo com a Constituição de 1988, em seu artigo 5º, todos os indivíduos são detentores do direito à dignidade. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade. Ninguém é obrigado a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da Lei (parágrafo III e X):

III - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento desumano ou degradante.

X - São invioláveis a intimidade, a vida privada e a honra dos cidadãos.

Sarlet (apud LIMA, 2012) declara que o fato de existir já é motivo pra possuir o direito à dignidade humana. Se todas as pessoas têm direito de serem tratadas com dignidade, por que então os homossexuais não recebem esse tipo de tratamento?

(...) temos por dignidade da pessoa humana a qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que asseguram a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos (...) (SARLET apud LIMA, 2012).

Aos homossexuais são negados os direitos mais fundamentais à pessoa como: liberdade, igualdade, integridade física e moral, por isso a maioria carrega o sofrimento do isolamento, de ter empregos não valorizados ou de sucumbirem ao mundo das drogas e da prostituição.

Muitos carregam uma péssima autoestima que os conduzem ao suicídio ou a negação de sua própria sexualidade, vivendo de acordo com os padrões impostos pela sociedade, abrindo mão de algo inerente à vida e a realização como pessoa.

Para Foucault (apud DINIS, 2008, p.489), cidadania hoje é conhecer nossa própria identidade e ser livre para vivê-la como nos apraz criando e recriando nossa própria identidade, conforme lemos,

não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar libertar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado como do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há séculos.

A escola como formadora de identidades, instituição democrática por natureza, deve não somente ensinar a cidadania, mas principalmente

esclarecer que todos somos cidadãos perante a Lei e, portanto, detentores de direitos e deveres.

Segundo Borrillo (2015, p. 106),

A luta contra a homofobia exige, portanto, uma ação pedagógica destinada a modificar a dupla imagem ancestral de uma heterossexualidade vivenciada como natural e de uma homossexualidade apresentada como uma disfunção afetiva e moral.

Já que a homossexualidade foi retirada do Código Penal e do Código Internacional das Doenças na década de 80 como bem declarou Lucion. Como explicar tanto preconceito?

Diante do contexto em que a homossexualidade não é mais vista como crime, como doença, como desvio, como anormalidade pela sociedade (medicina e psicologia), como explicar, a escola continuar se eximindo de tratar desse assunto? Ou por que quando menciona esse tema, vem carregada de preconceitos e chacota, contribuindo para a exclusão, a violência e a marginalização desses grupos sociais? (Lucion, 2016. p.2).

O Programa Brasil sem Homofobia do Governo Federal (2004) é um material valiosíssimo na luta contra a discriminação. No capítulo V sobre o direito à Educação está escrito: promovendo valores de respeito à paz e a não discriminação por orientação sexual, mas infelizmente foi impedido o uso desse material nas escolas por ideias religiosas. Um país laico em sua Constituição não deveria permitir que interesses religiosos e outros sobrepujassem necessidades sociais e políticas.

Segundo alguns estudiosos, tais como: Hovland e Sears (1940), Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950), Rokeach (1960) e Allport (1954), citados por Santos (SANTOS e SANTANA, 2015 p. 874), a homofobia é consequência de alguns fatores tais como: “frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos; desenvolvimento de um tipo de personalidade autoritária; pouca disposição à abertura ao diálogo e falta de contatos com membros de grupos minoritários”.

Segundo Borrillo (2015, p. 11), a homofobia é um fenômeno bastante complexo e de difícil diagnóstico:

Não se localiza num ambiente só nem indivíduo nem sociedade. Ela se articula em torno de emoções, condutas, normas, dispositivos ideológicos e institucionais, sendo que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre os outros.

A educação ainda é o caminho mais acertado não só para superar como para prevenir a homofobia ao esclarecer que o reconhecimento da igualdade de gays e lésbicas é uma questão que diz respeito a todos. Resta saber por que não o faz. É tão difícil a superação da homofobia que o cientista Albert Einstein desabafou: “È mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito” (BORRILLO, 2015 p.107).

Dessa forma, o preconceito permanece por que é fruto da ignorância causada pelo silêncio promovido pela escola em relação à diversidade sexual. Por que o silêncio permanece e quais as consequências? Isso é o que veremos no próximo tópico ao tratarmos da Homossexualidade e Currículo Escolar.

3.2 Homossexualidade e Currículo

Conforme o Caderno Brasil sem Homofobia, 2004, currículo origina-se da palavra latina *currere* que significa carreira, caminhada, corrida e representa o percurso feito pelos alunos em relação aos conhecimentos adquiridos, atividades realizadas sob a orientação da Escola.

Nesse sentido, a escolha do currículo irá influenciar decisivamente na vida do aluno, seja na sua forma de viver, na capacidade de trilhar caminhos acertados aproveitando as oportunidades, enfim, na qualidade de vida agora e futuramente.

O currículo está relacionado a tudo que a escola quer ensinar e a sequência desses ensinamentos vai depender do tipo de aluno que a instituição quer formar, essa ideologia pode ser consciente ou não e é escolhida de acordo com a série, idade, entre outros. A seleção dos conteúdos tem a ver com os objetivos pretendidos pela escola que, por sua vez, depende do conceito que se tenha sobre o ser humano.

A inclusão ou exclusão de temas a serem trabalhados é uma atitude política que demanda um poder sobre todos que frequentam a escola e inclusive sobre os professores que irão ministrar as aulas. Por essa razão o

currículo se torna um campo de interesses e por isso também é considerado o coração dessa engrenagem.

Para Vieira (apud FREITAS, 2009, p.106) a elaboração de um currículo,

Depende das relações sociais, dos jogos de poder [...] é campo de disputas políticas, de embates culturais, nem sempre ao gosto de vanguardas; raramente segundo nosso desejo. De toda sorte, os debates sobre os significados de currículo tornam-se centrais para qualquer política educacional.

Devido a sua importância, o currículo deve ser pensado e elaborado por todos que constituem a escola e a comunidade onde é situada. Conforme Silva (1995), “o currículo tem que ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz). Nós fazemos o currículo e ele nos faz”.

A escolha do currículo interessa a todos e por isso toda a comunidade escolar deveria fazer parte da sua elaboração. A proposta curricular precisa ser transitória como os valores sociais e as necessidades dos alunos. Não cabe nela verdades absolutas e dogmáticas, além disso, é preciso considerar o aluno como um todo e a aprendizagem sob diferentes ângulos como “aprender, aprender a aprender, aprender a ser e aprender a conviver”.

Ao elaborar o currículo, a escola precisa pensar que tipo de pessoa ela quer formar e para que, já que o currículo (inclusive o currículo oculto) tem poder de formar valores, construir caráter, subjetividades e identidades.

Vale salientar que a aprendizagem dos alunos ocorre através dos conhecimentos objetivos, como também de forma indireta e até inconsciente e que o efeito pode ser até mais determinante, pois se ensina com o exemplo. Isso se convencionou chamar de currículo oculto.

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações [...]. Entre outras coisas, o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo [...] aprende-se, no currículo oculto como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia. (SILVA, apud JUNQUEIRA 2010, p. 78-79).

O currículo oculto influencia na forma de ensinar e de interagir com os alunos como também em todos os eventos e no dia-a-dia da escola, representando tudo o que os alunos aprendem e que não constam no planejamento do professor, mas é tão importante quanto o ensino oficial (MOREIRA; SILVA apud JESUS, 2017).

Louro também traz essa reflexão sobre a importância do currículo oculto, lembrando que:

As marcas permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, experiências comuns ou extraordinárias que vivenciamos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 1999, p.18-19).

Ninguém conhece tão bem suas necessidades como os próprios alunos e a comunidade, dessa forma, são eles que irão contribuir na elaboração do currículo para que esse seja reflexo da cultura local, das etnias presentes, de todo gênero e diversidade sexual na escola.

Vários pesquisadores reconhecem que a escola do jeito que está não mais satisfaz as necessidades e os interesses dos alunos. É necessário um currículo cujos temas sejam historicamente situados, não fragmentados, que os temas possam ser ressignificados pelos alunos.

A Constituição Federal, de 1988, faz surgir um novo cidadão possuidor de direitos civis e políticos. Essa nova conjuntura histórica vai exigir um sujeito mais crítico e participativo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram pensados para satisfazer a necessidade de aprender sobre a realidade com as questões da vida real.

Conforme o mesmo documento acima citado:

Nosso objetivo é auxiliá-lo na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade. Sabemos que

isto só será alcançado se oferecermos à criança brasileira pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania. Tais recursos incluem tanto os domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar quanto as preocupações contemporâneas com o meio ambiente, com a saúde, com a sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade”. (BRASIL, Parâmetro Curricular Nacional, quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. 1997).

Nesse sentido os conhecimentos serão fundamentados com base na discussão de temas, tais como ética, pluralidade e cultural, orientação sexual, meio ambiente e saúde, transversalmente aos conteúdos de todas as disciplinas curriculares, ou nos eventos da escola, com o objetivo de despertar interesse dos alunos ao discutir assuntos presentes na realidade de cada um deles.

De acordo com Freitas (2009), os profissionais da educação estarão preocupados com o aluno em todas as dimensões, cognição, atitudes, procedimentos, valores, relações sociais, compromissos políticos e outros, com o intuito de tornar o conhecimento mais prático e as crianças serem tratadas de forma igualitária em direitos e oportunidades.

Apesar de a sexualidade ser um tema transversal, a homossexualidade quase sempre é silenciada. A maioria dos professores aborda essa temática apenas em relação a doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, aborto, enquanto temas também importantes como identidade de gênero e orientação sexual não são abordados. Quando discutidos, esses temas são com base na heteronormatização.

Apesar do silêncio em relação às homossexualidades, o MEC não só propõe esse debate como também sugere que o mesmo seja feito considerando a garantia da dignidade do ser humano. (Brasil, 1997, p.133).

Entendemos que a forma mais eficaz de garantir a dignidade humana é libertar o ambiente escolar de toda e qualquer discriminação ao identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos intolerantes e analisando criticamente os estereótipos. Assim, a Escola será um espaço educativo e seguro.

Os PCNs (1997, p.42) do Ensino Fundamental acentua que um dos maiores problemas da escola são a repetência e exclusão daqueles que são rejeitados por ser diferentes:

A permanência dos alunos na escola é hoje um dos grandes problemas a serem enfrentados por todos na educação brasileira: órgãos governamentais, comunidades e equipes escolares. Embora as causas da não permanência sejam múltiplas, cabe enfatizar entre elas a falta de acolhimento dos alunos pela escola, uma vez que, de certo modo, esse fator condiciona os demais. A falta de acolhimento é originada muitas vezes pelo fato da escola não reconhecer a diversidade da população a ser atendida, com a consequente diferenciação na demanda.

O preconceito em relação à orientação sexual ainda é o mais difícil de ser superado (até porque o homossexual é rejeitado, inclusive por sua própria família) e talvez o que acarreta as consequências mais drásticas e duradouras, como nos lembra de Louro:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30).

Infelizmente muitas escolas ainda não despertaram para a necessidade de acolher os homossexuais de forma democrática e solidária, mas ao contrário o trata como o próprio motivo de seus fracassos como salienta os PCN do Fundamental (1997, p.42).

O não reconhecimento da diversidade faz com que toda e qualquer situação que não esteja dentro de um padrão previsto seja tratada como problema do aluno e não como desafio para a equipe escolar. Reconhecer a diversidade e buscar formas de acolhimento requer, por parte da equipe escolar, disponibilidade, informações, discussões, reflexões e algumas

vezes ajudas externas. A falta de disponibilidade ou de condições para considerar a diversidade dos alunos acarreta o chamado fracasso escolar, com efeitos no plano moral, afetivo e social que geralmente acompanharão esses indivíduos durante toda sua vida, podendo redundar em exclusão social.

O fracasso escolar, a autoestima negativa, a dificuldade de relacionamento e tantos outros problemas são enfrentados pelo aluno homossexual e muitas vezes decorrem de sua experiência enquanto aluno desrespeitado em sua condição humana.

Segundo Andrade (2004), os pesquisadores Reiss, Lipkin e Marinoble acreditam que uma educação para a diversidade ajudaria a reduzir o índice de suicídio entre jovens e adolescentes homossexuais.

De acordo com os PCNs (1997, p.311), a educação sexual na escola teria que “reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas”.

Aceitar que a homossexualidade é uma orientação construída culturalmente como escreveu Foucault (1999), significa aceitar que qualquer outra forma de orientação sexual também é histórica e nenhuma é superior ou inferior, apenas diferente.

Muitos sofrem com esse silêncio, pois a escola perde a oportunidade de vivenciar a cidadania e a democratização das relações, porém as maiores vítimas são as travestis por não conseguir esconder sua orientação sexual e terminam abandonando os estudos devido à rejeição por parte de alguns colegas, professores e outros.

Dessa forma, como bem escreveu Louro (2000, p.30), “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância” e pior, o local de produção da violência.

Educar para a diversidade significa reconhecer a singularidade de cada um e a dignidade do ser humano apenas por ser sujeito de direitos. O sujeito crítico não é apenas uma pessoa racional, mas também cuidadosa, solidária, respeitosa em suas relações sociais.

O currículo tem o poder de considerar uns conhecimentos mais importantes que outros e, dessa forma, o indivíduo também é tido como inferior ou superior mediante o saber que possui.

Um currículo deve contribuir para refletir na construção de uma sociedade justa e democrática em termos de liberdade e igualdade, na consciência que o indivíduo se constrói na sua relação com o outro.

3.2.1. Por que Discutir Orientação Sexual na Escola?

Alguns pesquisadores da área da educação, como Reiss, Lipkin e Marinoble, citados por Andrade (2004), acreditam que a discussão sobre homossexualidade poderia ajudar a diminuir o índice de suicídio entre jovens e adolescentes não heterossexuais.

Para Gibson (apud ANDRADE, 2004) muitos são os problemas enfrentados pelos homossexuais que os conduzem ao suicídio e que poderiam ser discutidos e minimizados na Escola, tais como:

- Problemas em relacionamentos homossexuais. Os casais muitas vezes não têm um adulto com quem possam conversar e sequer um exemplo de um adulto homossexual e feliz como referência;
- A imagem negativa dos homossexuais perpassada pela mídia na sociedade. Quase não há narrativas de grandes homens e mulheres homossexuais na História. Quando se faz referência são sempre os homossexuais protagonizando histórias de tristezas e fracassos;
- A maioria tem baixa autoestima por vivenciarem ou por conhecerem histórias constrangedoras e humilhantes;
- A maioria, em algum período da vida, sente conflitos de identidade (negação e/ou desespero diante da orientação homossexual). Alguns homossexuais nem se percebem assim quando já ouvem piadas e palavras que ferem;
- A maioria é rejeitada por seus próprios pais e outros familiares;
- A maioria convive com a incompatibilidade entre sua educação religiosa e a orientação sexual causando um estado constante de culpa e muitas vezes o medo dos castigos aqui na terra e do inferno após a morte;

- Na escola pelo menos 32% dos homossexuais são vítimas constantes do bullying homofóbico que conduzem a evasão e ao afastamento da escola aumentando ainda mais o sentimento de auto rejeição;
- Muitos se isolam socialmente pelo medo de falar e ou mostrar de alguma maneira a sua homossexualidade, causando um enorme sentimento de solidão.

Conforme Lima (2007), o currículo que se preocupa em incluir é orientado para a formação humana onde todos, sem exceção, têm acesso aos bens culturais e ao conhecimento.

Como afirmar que vivemos num país democrático se algumas escolas negam a voz aos que estão à margem da sociedade? Quando a escola diz formar para a cidadania e não dá atenção às suas reais necessidades, ela perde esses alunos para a marginalização e até para a morte. Tudo isso porque esses jovens encontram-se fora dos padrões estabelecidos socialmente no que diz respeito à orientação sexual.

Conforme orientação dos PCNs (1997) a educação deve ser pautada na realidade para ajudar o aluno a pensar, conviver com os problemas sociais ou ajudar a resolvê-los, incentivando a participação política do mesmo, sem deixar de incluir os homossexuais, pois contamos hoje com mais de 60 mil lares homoafetivos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) foram elaborados para serem os “referenciais de renovação da proposta curricular” de acordo com os avanços sociais tendo como base os direitos sociais, civis e políticos garantidos pela Constituição Federal de 1988.

Esses Parâmetros estão em sintonia com a nova Constituição Federal e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394\96) que propõem uma formação ética tendo a tolerância como uma das condições necessárias para um comportamento ético.

O Dicionário Michaelis (2011) traz a definição de tolerância como sendo o respeito pelas ideias, crenças ou práticas dos demais sempre que estas sejam diferentes ou contrárias.

Nosso país necessita de uma educação tolerante para com as diferenças até porque somos uma civilização marcada pela diversidade cultural e outro fator fundamental é o princípio da equidade que reconhece a diferença

e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) compreende que a educação deve ser pautada no exercício da cidadania. Nesse sentido equidade, liberdade, apreço à tolerância e o respeito às diversas formas de ser e viver são as recomendações para a prática administrativa e pedagógica do sistema de ensino.

As diretrizes Curriculares também nos ensinam que os valores e a sexualidade são constructos históricos e culturais evitando tudo que for definitivo, dado, eterno, dogmático, possibilitando, dessa forma, ouvir várias vozes, inclusive dos oprimidos.

Nessas diretrizes, trata-se de uma concepção de História em que verdades prontas e definitivas não têm lugar, porque necessariamente o trabalho pedagógico nesta disciplina deve dialogar com outras vertentes tanto quanto deve recusar o ensino da História marcado pelo dogmatismo e pela ortodoxia. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2006, p.22).

Como nos ensina Paulo Freire (1996) “Faz parte igualmente do pensar, certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação,” e é no seio da família e da escola onde prioritariamente aprendemos a conviver com a diversidade de maneira construtiva, como uma questão de direitos humanos.

Faz parte das políticas públicas o enfrentamento da homofobia, porém não temos nenhuma lei que puna a discriminação e as escolas em sua maioria não atentou para a necessidade de esclarecer e romper os tabus.

Para Gomes (apud FERREIRA, 2013), falar sobre diversidade implica compreender e lidar com relações de poder, pois compreende as causas políticas, econômicas e sociais das desigualdades e discriminações. A educação não pode ser seletiva, não deve continuar preparando uns para o trabalho árduo e a minoria para cargos de liderança.

Conforme Silva,

A pedagogia e o currículo deviam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das

formas dominantes de representação da identidade e da diferença. (SILVA apud FREITAS, 2009. p.98).

A educação de qualidade é uma condição imprescindível para o desenvolvimento de um país em todos os sentidos. O que seria essa qualidade? Nesse sentido é válido refletirmos sobre uma frase de Junqueira:

A diversidade é fator de qualidade. Não é a qualidade do ensino que acarreta uma coexistência pacífica e um convívio democrático com a diversidade. Mas o contrário: é a promoção da diversidade que conduz a educação de qualidade. Somente alcançaremos uma educação de qualidade se promover o convívio cidadão, o reconhecimento da diversidade, a inclusão e o pertencimento de todas as pessoas. (apud VENCATO, 2014).

Educação de qualidade pressupõe conhecimentos cognitivos e valores fundamentados nos direitos de todos de forma igualitária. A escola não pode negar o conhecimento de temas que preparam para a vida e para a cidadania.

Perrenoud (apud JUNQUEIRA, 2010, p.149) também afirma:

Se um jovem sai de uma escola persuadido de que as moças, os negros ou os muçulmanos são inferiores, pouco importa que saiba gramática, álgebra ou uma língua estrangeira. A escola terá falhado drasticamente (...).

Educação se relaciona com a razão, a sensibilidade, os valores, prazer, corpo, gênero e sexualidade, pois a escola educa para a vida em coletividade como para o cuidado de si.

Dessa forma é preciso pensar o currículo e renovar as teorias, os métodos e técnicas para uma prática pedagógica moderna e humana que conduza ao raciocínio crítico e ao acolhimento. A Teoria Queer é uma das possibilidades para a concretização desse objetivo.

3.2.2. Teoria Queer e Currículo Escolar

Segundo o sociólogo Richard Miskolci (apud JESUS E FILHO, 2009) a Teoria Queer, que emergiu nos Estados Unidos no final da década de 1980,

afirma que a orientação e a identidade sexual ou de gênero são frutos de uma construção social que são mutáveis de acordo com os valores sociais.

Dessa forma, não existe algo como essência ou natureza sexual do ser humano, mas formas diversas de vivenciar um ou vários papéis sociais independentemente de possuir aparelhos reprodutores femininos ou masculinos.

Para Anis (apud FREITAS, 2009) o sexo biológico não determina a identidade de gênero e muito menos a orientação sexual de uma pessoa, tanto um quanto o outro são construções sociais envolvendo muitas histórias de dores e prazeres.

Conforme Louro (2004), a Teoria Queer questiona o binarismo natural heterossexualidade/homossexualidade como também defende que todas as identidades sejam de sexo, de gêneros, de raça, de classes, ou outras, são socialmente construídas e vivem em constante movimento assim como os valores sociais.

Para Louro (2003), o ser humano é muito complexo. As experiências de cada pessoa são muito diferentes e singulares. Cada pessoa vivencia muitas identidades e por outro lado essas múltiplas identidades também se articulam contribuindo na formação de sua identidade sexual.

Nesse sentido, qualquer processo formativo que objetive a cidadania, a consciência crítica e o livre debate de ideias não podem prescindir do reconhecimento da pluralidade e da alteridade em prol do respeito, promoção e valorização da diversidade.

Segundo Louro (1997), a competição, a hierarquização e a homogeneização serão substituídas pela cooperação, igualdade, relações dialógicas e respeito pelas falas, não apenas do professor como autoridade máxima, ou dos livros didáticos, mas também considerar as experiências pessoais de cada aluno.

Como tão bem enfatiza Silva (apud FREITAS, 2009, p.92),

A pedagogia e o currículo deviam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença.

Ainda na infância e na fase adulta precisamos aprender a conviver com as diferenças em todos os aspectos, inclusive quanto à diversidade sexual. Um Currículo elaborado com base na Teoria Queer ajudaria na desconstrução de “verdades” que não passam de ideologias pra manterem as injustiças sociais, as desigualdades e a submissão de gênero, de classes e de raças (SILVA apud FREITAS, 2009).

Para Britzman (1996), a dificuldade de adotar o Currículo Queer nas Escolas está relacionada a três mitos que se instalou na sociedade. O primeiro mito refere-se ao medo. Alguns educadores acreditam que a discussão sobre homossexualidade vá encorajar os jovens a serem homossexuais.

O segundo mito refere-se ao fato dos adolescentes e crianças serem muito jovens pra discutir esse assunto como se eles não convivessem com pessoas homossexuais na própria escola e fora dela. Alguns deles também já convivem com conflitos de identidade sexual.

Conforme Freud (apud COSTA E OLIVEIRA, 2011), considerado o pai da psicanálise, a criança ainda bebê já sente sua sexualidade e nasce com a possibilidade de, ao crescerem, se interessarem por ambos os sexos. Nesse sentido todos somos a princípio bissexuais ou abertos às diversas variantes sexuais.

O terceiro mito afirma que sexualidade seria um assunto privado que deveria ser discutido apenas pelos familiares. Sabemos que os adolescentes e jovens discutem mais o tema com os amigos e colegas do que com a própria família, por isso muitos conhecimentos são distorcidos e até errôneos.

Mais do que nunca nossa vida privada e pública são intrínsecas. Nossos direitos e deveres dizem respeito a todos e o que nos atinge individualmente, normalmente reflete na sociedade. Essa é a razão de multiplicarem-se as identidades e as minorias e as lutas por direitos.

Conforme Britzman (1996), a sexualidade é uma construção social, que se relaciona com tudo que vivenciamos em família e nos diversos grupos que frequentamos, nas histórias que lemos ou ouvimos e nas experiências de terceiros, nos discursos políticos, culturais, etc.

Afirmar a privacidade da sexualidade é negar que minorias sejam ouvidas. O silêncio imposto é uma forma de negar a participação política e a luta por igualdade de direitos. É obrigar essas pessoas a viverem em *armários*.

Segundo Santomé (1995), o currículo Queer não é aceito pela maioria das escolas em decorrência da busca pela hegemonia social e cultural. As minorias convivem ainda com o silêncio, os estereótipos e as deformações que mantêm as desigualdades e as injustiças sociais ao retirar dessas pessoas até o direito de se expressar, contribuindo com a manutenção do *status quo*.

Infelizmente, normalmente não são os professores que selecionam os conteúdos e produzem os materiais didáticos. Os livros didáticos, que muitas vezes são a única possibilidade de suporte metodológico do professor, não correspondem na maioria das vezes à realidade do aluno, não discutindo temas que realmente fazem sentido na vida dos alunos e dos professores.

Segundo Louro (2000), a escola e os livros didáticos apesar de não serem homofóbicos no sentido de promover o ódio, ignoram a homossexualidade e negam as relações homoafetivas, como se houvesse apenas a heterossexualidade.

O projeto de lei nº. 7627 (BRASIL, 2010), “altera a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e bases da educação e estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino, da obrigatoriedade da temática de gênero”. Se isso acontecesse de fato provavelmente diminuiria a homofobia, a evasão e o fracasso escolar.

Para Louro (1997), é no campo social que se constroem e reproduzem as relações desiguais entre as pessoas e a escola é um núcleo social da maior importância devido à pluralidade de identidades e o objetivo que é primar por uma convivência harmoniosa respeitando as singularidades. Nesse sentido a melhor opção é o estudo de gênero para se pensar nas diversidades e perceber as representações quanto aos homens e mulheres como culturais e não mais aquelas posições de masculino e feminino delimitadas biologicamente.

Para Santomé (1995), estudar gênero é desconstruir verdades, reinventar o óbvio e enfatizar o plural para que, o aluno compreenda as diferentes concepções de mundo e os principais problemas da sociedade a que pertence.

Tudo o que sabemos foi historicamente aprendido e a consciência dessa historicidade constitui-se em uma estratégia de resistência às tentativas de delimitar as práticas sexuais como afirma Louro,

Não é propriamente o sexo ou não são exatamente as características sexuais que nos permitem dizer o que ou quem é masculino ou feminino, mas sim tudo aquilo que associamos aos sexos, a forma como representamos determinadas características, comportamentos, valores e habilidades. (LOURO, 1997, p. 88)

A heterossexualidade é considerada por muitos para ser o parâmetro em relação a todas as outras identidades, só a ela é atribuída todas as características positivas enquanto todas as outras são consideradas inferiores e anormais. Se a heterossexualidade é inata, natural e universal por que é tão intensamente vigiada? Por que tanto medo que os jovens queiram se tornar homossexuais?

Silva (1995) e Louro (1997, 2000, 2003) defendem que a identidade não é essência, estável, coerente, unificada, homogênea, definitiva, transcendental. A identidade é uma construção cultural, inconsciente, contraditória e não finalizada. De acordo com Costa (apud FREITAS, 2009, P.11)

Não discutir sobre a homossexualidade ou discutir partindo da premissa de que somos por natureza heterossexual, bissexual e homossexual, significa tornar-se cúmplice de um jogo de linguagem que se mostrou violento, discriminador, preconceituoso e intolerante, pois levou-nos a crer que as pessoas que sentem atração por outras do mesmo sexo são moralmente inferiores.

A Teoria Queer pode ajudar a entender que qualquer forma de viver a sexualidade é uma construção social e que ninguém é superior ou inferior por ter essa ou aquela orientação sexual, apenas diferente.

CAPÍTULO 4: FOUCAULT

Compreender a história de vida de Foucault é imprescindível para o entendimento de suas ideias, como ele mesmo afirmou na sua autobiografia escrita por Valeirão (2009, p.43):

Toda vez que tentei fazer um trabalho foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que via se desenvolverem a minha volta. Porque eu julgava reconhecer fendas, abalos surdos, disfunções nas coisas que via, nas instituições às quais estava ligado, em minhas relações com os outros, foi que empreendi tal trabalho.

De modo que, antes de discutirmos as ideias de Foucault é importante conhecer um pouco de suas experiências.

Paul Michel Foucault nasceu em uma cidade da França chamada Poitiers no dia 15 de Outubro de 1926. Filho de Paul Foucault, médico cirurgião e professor na Escola de Medicina, e de Anne Malapert, também filha de médico e professor. Filho do meio numa família rica, com menos de quatro anos, Foucault começa a acompanhar sua irmã mais velha na Escola Jesuítica Henri IV, onde permaneceu até o início de 1940.

De acordo com Valeirão (2009), Foucault recebeu de seus pais uma rígida educação, porém, em relação às leituras, seu pai costumava dizer “o importante é governar a si mesmo”. Frase que marcou sua vida e seus escritos. Aos dezesseis anos concluiu o bacharel na Escola Saint- Satanislas. Foucault frequentava a biblioteca da Casa do Abade Aigrain e lia sobre muitos temas que não eram estudados na escola. Após os estudos secundários, para decepção dos pais, Foucault declara que não quer seguir a carreira de médico. Felizmente seu irmão caçula realiza o sonho de seus pais e Foucault sente-se mais a vontade para fazer o que mais gostava: História, Filosofia e Psicologia.

Em 1945, Foucault ingressou na École Normale Supérieure, em Paris. Nessa época ainda não havia completado vinte anos e enfrenta muitos problemas em relação à solidão e apresenta comportamento tão bizarro.

Em 1948, tenta o suicídio pela primeira vez, o que fará em outras ocasiões. Segundo Valeirão (2009), seus colegas declararam que não ficaram surpresos com a tentativa de suicídio, pois sempre o consideraram frágil em relação a saúde mental. Apesar do seu comportamento, seus colegas reconheciam o brilhantismo de Foucault principalmente por ser um ótimo aluno e por suas muitas e diversificadas leituras, principalmente os filósofos clássicos tais como Hegel, Marx, Heidegger, Nietzsche. Esses filósofos que refletiam sobre a fenomenologia, o existencialismo, a política e a ética o influenciaram nas suas pesquisas que tinham o sujeito como alvo.

De acordo com Valeirão (2009), Foucault também era reconhecido por criar estratégias e métodos próprios de estudos, além disso, os colegas o viam como uma “pessoa excepcional pela cultura, pela capacidade de trabalho, pela multiplicidade de seus centros de interesse”.

Em 1952, com vinte anos incompletos, obtém o diploma em psicopatologia e começa a ensinar na Universidade de Lille. Dois anos depois publica seu primeiro livro “Doença mental e personalidade”. Em meados de 1960, sua obra se torna mais conhecida fora da academia.

Defendeu na Universidade Sorbonne, em 1961, sua tese de doutorado “A História da Loucura”. Entre 1963 e 1977, participou do Conselho Editorial da Revista Critique e nesse mesmo período, de 1968 a 1970, ensinou na Universidade de Vincennes.

Em dezembro de 1970, realizou a aula inaugural no Collège de France² assumindo a cadeira História dos Sistemas de Pensamento, tempo em que pesquisava e viajava para o exterior, na época era diplomata cultural. A aula inaugural resulta na publicação do livro A Ordem do Discurso. Apesar de ter vinte anos de carreira como professor, o Collège de France foi a Instituição mais significativa para ele e onde trabalhou por mais tempo: de 1970 a 1984, onde permaneceu até sua morte

Foucault sempre foi envolvido com militância de esquerda. Seus trabalhos buscam criticar a atualidade, questionando a verdade estabelecida a partir de uma fundamentação histórica, dando ênfase às práticas sociais. Para

²O Collège de France era uma Instituição que primava pela relação dialógica entre alunos e professores. Os alunos eram ouvintes e compareciam uma vez por semana aos encontros.

ele são justamente as práticas sociais ancoradas em mecanismos de poder que originam os problemas atuais.

Seus escritos são congruentes com suas experiências políticas. Entre as décadas de 1960 e 1970, por exemplo, participou da luta antimanicomial. Sua experiência num hospital psiquiátrico foi um dos motivos que o levou a escrever *História da Loucura*.

Juntamente com Deleuze criou o Grupo de Informações sobre as Prisões (GIP) que procurava dar voz³ aos presidiários e as pessoas que trabalhavam na área, ao mesmo tempo em que investigava e tornava⁴notória a situação dos presídios na França. Essa experiência contribuiu com a publicação do livro *Vigiar e Punir*.

Nesse livro Foucault analisa os mecanismos do poder disciplinar nas prisões, nos hospitais, nas escolas e nas fábricas, demonstrando que o poder não funciona a partir da lei, mas da normatização e “adestração” das pessoas:

(...) está inteiramente dedicado ao estudo dos dispositivos disciplinares, o termo disciplina é utilizado como conjunto de técnicas e procedimentos com os quais se busca produzir corpos politicamente dóceis e economicamente rentáveis. (FOUCAULT apud CASTRO, 2014, p. 86).

Foucault também participou da luta dos homossexuais, o que motivou a publicação da obra *História da Sexualidade*, cujo primeiro volume foi *A História do Saber*. ‘Nessa obra ele “não se busca em definitivo, responder à pergunta se somos ou não uns reprimidos sexuais; mas porque dizemos, com tanta paixão o que somos”’. (CASTRO, 2014).

Por sua vida de militante político até hoje os movimentos atuais de contestação veem em Foucault um importante suporte histórico. Além disso, seu modo de pensar desperta e ajuda aqueles que acreditam na mudança e em novas e diferentes formas de pensar e sentir.

Nas décadas entre 1960 e 1980, Foucault repensou conceitos estabelecidos e escreveu sobre o homem, a natureza, o poder e a razão com

³Parafraseando Deleuze, Foucault foi o primeiro a ensinar a indignidade de falar pelos outros.

FÓRUM. O legado de Michel Foucault. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2014/06/26/o-legado-de-michael-foucault/>>. Acesso em: 19 de set. 2016.

base numa análise da história e influenciado pela ideia de transvalorização dos valores de Nietzsche. De forma transdisciplinar desenvolveu saberes distintos entre a Filosofia, a Psiquiatria, a História, o Direito, a Sociologia, a Linguística, a Biologia, a Literatura e as Artes em geral.

Por conta de interesses tão diversificados, muitas pessoas têm dificuldade em situá-lo num campo específico do conhecimento considerando-o filósofo, historiador, psicólogo ou educador.

Os volumes da História da Sexualidade II, O uso dos Prazeres, e da História da Sexualidade III, O Cuidado de Si, e a Hermenêutica do Sujeito, todos numa perspectiva da ética, são publicados em 1984, pouco antes de sua morte. Porém não chegou a corrigir a versão final do volume de História da Sexualidade e As confissões da Carne além de outros trabalhos que ficaram sem terminar.

Depois de meses gripado e com fortes dores de cabeça, Foucault ainda lutava para concluir suas obras. Faleceu na tarde do dia 25 de junho de 1984 por causa de problemas neurológicos agravados pela AIDS. Tempos depois, seu parceiro Daniel Defer criou a fundação de caridade AIDES⁵ em sua memória.

4.1 Principais Ideias de Foucault

Foucault foi sem dúvida um dos maiores filósofos da contemporaneidade. Sua obra é tão vasta e diversa que quase todo (a) pesquisador (a) precisa beber em sua fonte inesgotável de conhecimentos ainda que seja para comparar com outros textos ou contestar.

Embora todos os temas abordados por ele sejam interessantes, iremos nos deter a alguns que mais de perto contribui com a educação de uma

⁵AIDES (O nome é um jogo de palavras – ajuda em francês e AIDS) é uma associação francesa sem fins lucrativos de luta contra o HIV e hepatite viral, fundada em 1984. A primeira Associação com o objetivo de atender o doente e seus familiares. Em 2007 contava com 400 funcionários e mais de 1000 voluntários cadastrados e treinados e presentes em 100 cidades da França. É a maior Organização não governamental da França em questões de HIV. Essa organização desenvolveu parcerias com Organizações na África, na Europa e no Canadá. Também desenvolveu uma parceria com o Programa das Nações Unidas sobre HIV SIDA.

maneira geral e com esse trabalho de pesquisa mais especificamente: O poder e a disciplina, poder e saber, o discurso, a subjetividade como resistência política e educação.

Esses temas não serão abordados com a profundidade que merecem e nem teremos como objetivo responder a todas as dúvidas, muito pelo contrário, esperamos que esse seja o início de outras muitas pesquisas e que abra muitas possibilidades de novos questionamentos.

4.1.1. Poder e Disciplina

Foucault, em suas análises revolucionaria a ideia de poder uma vez que, durante muito tempo esse termo foi relacionado apenas a uma conotação de estratégia para fazer o mal para reprimir e punir enquanto para o filósofo:

(...) o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder. (FOUCAULT, apud SOUZA, 2011, p. 103).

A proposta de Foucault não é elaborar uma Teoria definitiva e estável do poder, não é também responder o que é o poder, até porque existem poderes e não uma entidade fixa e imutável. O Filósofo se preocupa em analisar as funções e o como o poder se manifesta nas diversas relações e Instituições sociais, como bem escreve HUISMAN (apud SILVA, 2016, p. 97).

A proposta levada a termo pela investigação Foucaultiana não procura interrogar o poder a respeito de sua origem, de seus princípios ou limites, mas estudar os procedimentos e técnicas utilizadas em diferentes contextos institucionais para agir sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo, para formar, dirigir e modificar sua maneira de portar-se.

Para Foucault, o poder é um feixe de relações e acontece em todas as sociedades, em todo tempo e lugar, tanto em instituições com muita gente como em núcleos sociais pequenos como as relações em marido e mulher, pais e filhos, professor e aluno.

Nesse sentido um poder é uma prática social, construída historicamente e ocorre onde tem pessoas livres, pois onde existir poder (e existe indiscriminadamente em todas as relações) existirá resistência.

(...) esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento do poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, tela que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações e forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 1979, p. XVI)

Conforme Diàz (2012) há resistência porque há liberdade e, portanto, há possibilidade de desmascarar o poder e superá-lo, porém numa relação em que não há liberdade,

(...) inexistente uma verdadeira “relação” de poder; há aí “saturação” em uma das partes. Para que se efetuem realmente relações de poder, é indispensável a liberdade dos participantes. Uma relação de poder é da ordem da luta, mas não da luta antagônica e sim agônica; uma incitação recíproca, uma “provocação” permanente. (DIÀZ, 2012, p.120-121)

Apesar de ter uma conotação negativa também (repressão, arbitrariedade, controle, submissão, coação e outros), o poder vence não só pela força, pelo aspecto negativo, mas também por ser produtivo, transformador, criativo, aprimorando as habilidades do indivíduo e adestrando-o para uma vida mais rentável economicamente, um profissional mais eficiente submisso.

O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens

do poder, neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. (FOUCAULT, 1979. p. XVII)

Para que o dominado se torne um aliado ele tem que ser convencido, induzido, incitado a contribuir na obtenção dos objetivos de quem detém o poder. Para isso a estratégia mais utilizada é a disciplinarização dos corpos e das mentes através das normas e regulamentações:

As disciplinas do corpo e as regulações das populações constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização de poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizada e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracterizando um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo. Velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. (FOUCAULT apud SOUZA 2011, p. 112).

A disciplinarização ocorre através do biopoder ou governa mentalidade, regulação em relação à vida da população, estratégia política, e da vigilância constante, permanente e ilimitada, ou panoptismo, conforme Foucault na sua obra *Microfísica do Poder*.

É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem às relações que exprimam comando e comandados. (FOUCAULT, 1979, p.149)

É através da disciplina que irá se estabelecer as normas que devem ser tidas como um padrão a ser seguido e os critérios para avaliar, medir e finalmente moldar, de forma que quem não se adequar passa a ser vigiado, perscrutado, marginalizado e reprimido.

4.1.2. Poder e Saber

Para Foucault (1999) poder e saber são dois lados de uma mesma moeda; ambos se complementam. Hoje mais do que nunca quem detém o conhecimento, possui status e poder. Por outro lado a verdade tem mais ou menos força a partir de quem a profere. Normalmente quem fala em nome da ciência e da religião tem mais autoridade, confiabilidade. O poder do saber é até mais forte que o poder econômico.

Ainda segundo Foucault (1994) estuda-se para saber e o saber é usado para controlar, curar, punir, adestrar. O surgimento das Ciências vai respaldar a classe que dominante no sentido de produzir formas de vida, fabricar o homem de acordo com as necessidades dessa classe que domina a maneira de pensar e como consequência, a forma de ser e de se comportar.

Para Foucault (1988), a constituição de um sujeito dócil e manipulável é feita de maneira quase imperceptível e cheia de boas intenções, pois ao mesmo tempo em que desenvolve suas capacidades o torna objeto de estudo e de uso.

Vivemos numa época que as pessoas são convencidas de que nada sabem e que precisam de especialistas em seus relacionamentos, sejam para educar seus filhos ou para se relacionar o marido etc. Além disso, existem o saber que é importante como o saber científico e o que nada vale como o saber filosófico, a mitologia, etc. (FOUCAULT, 1994).

Conforme Foucault (apud FERREIRA, 2017) “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder”, mas a partir do momento que o homem tem consciência das ideologias que o envolve, poderá questionar as *verdades* adquiridas nas diversas instituições com as quais convive: a família e a escola, principalmente. “A crítica é o movimento por meio do qual o sujeito se atribui o direito de interrogar verdade sobre os seus efeitos de poder, e ao poder sobre seus discursos de verdade” (FOUCAULT apud ROCHA, 2014, p.154).

Foucault (1999) desmistifica a ideia de que o poder oprime e o saber liberta. Na verdade, o poder e o saber se completam, o conhecimento assegura um pensar autônomo e livre capaz de ver que nada é natural, mas tudo é fruto de um processo histórico como podemos verificar na sua afirmação: De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos

conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?

Nesse sentido o conhecimento pode libertar ou aprisionar. Para que seja um conhecimento libertador é necessário que ele evidencie que as *verdades* instaladas são historicamente situadas no sentido de privilegiar uma classe e um saber em detrimento de outros.

4.1.3. Poder e Discursos

Segundo Foucault (1999) todo discurso é histórico, portanto é construído num dado contexto sociocultural e envolve diversas relações de poder. O homem já nasce ouvindo os discursos hegemônicos e os repete sem se dar conta e sem questionar ainda que estes sejam contraditórios.

Apesar da classe que domina o saber domine também os discursos. Estes podem, segundo Foucault (1988, p.96), fazer parte de uma multiplicidade de estratégias, inclusive passando a serem usados pelos excluídos. Portanto,

(...) não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (...) Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.

Dessa forma, de acordo com Foucault (1988) não existe poder e contrapoder, eles são forças que se correlacionam dentro de uma estratégia tática e não só os discursos propriamente ditos, mas também o silêncio e o segredo os fortalecem ou os enfraquece numa determinada situação.

Segundo Foucault (1986), os discursos não são estáveis e lineares e por isso não constituem o sujeito, ao contrário eles se deslocam de acordo com o acontecimento, o sujeito que o enuncia e os objetivos propostos. Conforme Fischer (2001, p.198), para analisar um discurso na perspectiva foucaultiana,

Precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de “reais” intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política; na medida em que as palavras são também construções; na medida em que a linguagem também é constitutiva de práticas.

Bem diferente do que muitos pensam, não é o sujeito que elabora o discurso, mas o sujeito é formado a partir do discurso e de muitas falas que o antecedeu historicamente, como bem assinala Bakhtin, (1981) todo discurso é essencialmente dialógico.

Para Foucault a análise histórica dos discursos pode contribuir na desideologização de verdades até então incontestes, transformando a realidade social e nós mesmos a ponto de construirmos uma identidade menos fragmentada, mais livre e autônoma, quem sabe uma das mais belas obras de arte.⁶

⁶ “[...] subir [em] degraus mais elevados na escala da subjetivação”. (SARDINHA, apud, RAGO, 2014).

4.1.4. A Subjetividade como Resistência Política e Educação

Como bem expressou Foucault (2014, p.41), “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo.”

Dessa forma, a escola como um dos sistemas privilegiados em relação à educação pode conservar as verdades acriticamente ou contribuir para uma desideologização a partir de uma análise crítica histórico-filosófica de todos os tipos de discurso que perpassam na sociedade.

No seu livro *Vigiar e Punir*, Foucault coloca a escola, juntamente com o quartel, a prisão, o manicômio e a fábrica como instituições que através da disciplina e da vigilância permanente fabricam indivíduos dóceis, submissos e úteis, prontos para serem explorados, enquadrados nas normas e valores sociais.

Para essas instituições aluno bom é aluno obediente e disciplinado. Aquele que não critica que nada propõe, mas tudo aceita sem criticidade. Muitas vezes as notas são atribuídas mais pelo bom comportamento do que pela aprendizagem. Com muita propriedade Foucault chama essas instituições de “Instituições de Sequestro”.⁷

Essa disciplinarização é percebida desde a organização das cadeiras, sempre enfileiradas o que impede que os alunos olhem para os colegas e discutam entre si. Além disso, existem uma infinidade de normas à seguir: fardamento, horários, realização de provas, modos de sentar, de falar, entre outros, sem a participação efetiva dos alunos na escolha desses regulamentos. Tudo isso feito tão rotineiramente que o hábito não deixa espaço para a contestação.

Conforme Gallo e Veiga-Neto (2006, p.3),

Sem nenhum exagero, pode-se dizer que em toda a produção foucaultiana jamais vai se encontrar qualquer recomendação sobre como deve funcionar a educação, sobre como deve ser conduzida a pesquisa e a prática pedagógicas. Em nenhum

⁷“São aquelas instituições que retiram” compulsoriamente os indivíduos do espaço familiar ou social mais amplo e os internam, durante um período longo, para moldar suas condutas, disciplinar seus comportamentos, formatar aquilo que pensam etc. (Veiga – Neto apud Ferrari, 2016.).

lugar da sua obra se encontrarão advertências éticas e técnicas sobre o papel do professor, sugestões sobre a educação no seio familiar ou na escola, exortações a essa ou aquela política educacional.

Por outro lado, para Foucault (1994), o objetivo primordial de todas as suas obras é o sujeito, elemento central para qualquer pedagogia. É possível pensar novas perspectivas para a educação a partir da concepção foucaultiana de sujeito. Nesse sentido é interessante a comparação de Caixeta (2016) dos conceitos de sujeito feitos por Foucault e pela pedagogia.

Para a pedagogia o sujeito é algo previamente estabelecido. Todo ser já nasce sujeito e esse sujeito precisa ser moldado, trabalhado, educado. Para Foucault o sujeito é algo bem diferente, pois ele afirma que o sujeito é uma invenção da modernidade, o sujeito é algo construído pela sociedade. Para Foucault as instituições pedagógicas funcionam como um meio de se produzir sujeitos. Para as pedagogias, as instituições escolares poderão funcionar como um agente transformador de sujeitos, portanto para ambos é na escola que um novo sujeito surgirá.

Para Frank (2016), a escola em sua maioria visa o preparo dos alunos para o mercado de trabalho e não valoriza a formação para o cuidado de si, o pensamento crítico e reflexivo, a questão ética e o multiculturalismo. Para Foucault,

(o cuidado de si) é uma missão que lhe foi confiada pelo deus e que não a abandonará antes de seu último suspiro; é uma tarefa desinteressada para a qual não pede nenhuma retribuição, cumpre-a por pura benevolência; enfim, é uma função útil para a cidade, (...), pois ao ensinar aos cidadãos a ocuparem-se de si mesmos (mais do que de seus bens) ensina-lhes também a ocuparem-se da própria cidade (mais do que de seus negócios materiais). (FOUCAULT apud FRANK, 2016).

Além disso, a escola pode oferecer uma educação democrática e igualitária onde não exista nenhum tipo de intolerância e discriminação, onde os sujeitos se construirão a partir da compreensão que tudo é história e mudança. Nessa escola também o papel do professor pode ser questionado e transformado. Ele deixará de ensinar para conduzir os alunos numa linha de

pensamento crítico a partir de suas próprias verdades. Questionando todas as verdades estabelecidas e os valores sociais.

Infelizmente, como assinalou Foucault, “(...) nós vivemos em uma sociedade onde o crime não é mais simplesmente a transgressão da lei, mas antes o desvio com relação à norma” (apud ROCHA, 2014, P.186). Mais do que nunca a escola precisa mudar essa realidade deixando de ser uma instituição que impõe para ser uma academia que analisa criticamente os fatos juntamente com os alunos. Como bem propôs Ciurana (apud NUNES; MACHADO; VASCONCELOS, 2015), “mais do que informações as pessoas precisam saber reconhecer as cegueiras do conhecimento”.

Considerando “conhecimento” qualquer saber que seja libertador, que contribua para a formação de sujeitos autênticos, solidários, que possam desenvolver relações democráticas ainda que sejam num mundo de injustiças, intolerâncias e discriminação.

Que os alunos possam ter como objetivo subir degraus na escala da subjetividade ao ponto de desejar, como Foucault, (apud DIAS, 2017) “fazer da vida uma obra de arte” como uma escultura linda e singular.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo iremos analisar os textos escritos pelos alunos do 3º ano da Escola Estadual Pintor Manoel Bandeira em Olinda-PE buscando neles o sentido e a representação da homossexualidade através da análise do discurso na perspectiva foucaultiana.

A AD é nossa ferramenta para trabalhar a opacidade, o simbólico, o funcionamento da linguagem e especialmente as questões políticas e ideológicas nos textos dos alunos.

A Análise do Discurso implica na utilização de um método para determinar as relações entre palavras, lacunas, pontuações entre outros, inerentes ao texto que constitui a sua estrutura, ou seja, o enunciado.

Na análise do discurso é preciso considerar o contexto sócio-histórico e ideológico e o sujeito que fala ou escreve no momento em que fala e escreve. É necessário pensar também que por trás do que se diz existem muitas outras vozes que já falaram de forma repetida ou reinterpretada de acordo com a intenção.

Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola. (FOUCAULT, 1986. p.114).

Para Foucault (1986), o enunciado deve ser tomado como plenamente histórico e isto quer dizer que deve estar ligado não às especificidades temporais típicas do conhecimento histórico, mas às suas regras de formação. Um enunciado não atravessa os séculos e é usado conforme a época, ele é inventado em cada época.

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligadas, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. (Foucault, 1986. p.31)

No nosso caso, especificamente, estamos vivendo uma situação contraditória: Enquanto as pessoas estão expondo mais sua orientação sexual confiantes num discurso constitucional de direitos iguais vivemos, na prática um verdadeiro holocausto de homossexuais, ou de pessoas que, de alguma forma não se enquadra nos padrões heteronormativos.

No âmbito escolar tem crescido sobremodo o numero de suicídio em decorrência da homofobia, os professores continuam fazendo piadas constrangedoras e o bullying homofóbico persiste sem que a Instituição tome decisões para contê-lo.

Não é, pois, estranho que as palavras bonitas de tolerância e solidariedade por parte de alguns alunos não coincidam com o comportamento depreciativo, humilhante e constrangedor que se vive no dia a dia.

No primeiro encontro com a turma foi realizada uma aula de Filosofia refletindo sobre os princípios fundamentais do Existencialismo Sartreano como o da responsabilidade pessoal pelas próprias escolhas e suas consequências.

No segundo momento foi realizada uma aula sobre a história da homossexualidade e da homofobia, sendo concluída com a elaboração de textos argumentativos pelos alunos (as).

Nesse segundo encontro, ao falar o tema da aula um aluno que chamaremos de Leo se retirou rapidamente em meio aos comentários e risos dos colegas. Quando um deles falou:

_ “Não se preocupe professora ele é assim meio estranho, mas vou convencê-lo a voltar”.

Logo percebi que a pessoa que não se comporta dentro dos padrões estabelecidos não é vista apenas em sua singularidade, mas é “meio estranho” e o “estranho” é marginalizado, ele não é convidado a compor, a somar, a dar contribuições.

Quando ele saiu, outro aluno explicou:

_ “É que o pai dele (de Léo) bate nele por nada, basta ele chegar com uma caneta rosa ou discutir esse assunto, o pai bate com medo que ele se torne gay”.

Impressionante como uma simples cor (rosa) é compreendida como cor feminina ou cor de homossexual. Ainda hoje os enxovais dos recém-nascidos são caracterizados pelas cores rosa (se for menina) e a azul (se nascer menino). As pessoas não conseguem entender a diferença entre gênero e sexo. A memória discursiva não é mudada em algumas centenas de anos, mas persiste como hábito e como motivo suficiente pra estereotipar, bater e até matar uma pessoa.

Nesse mesmo enunciado lemos que o “pai bate com medo que ele se torne gay” como se ser gay ou ser qualquer outra pessoa fosse algo que

acontecesse de forma instantânea e que pudesse, com base na tortura, estabelecer uma determinada forma de ser.

Ficou claro naquele instante que Leo sofria bullying homofóbico apesar de não apresentar traços ou se comportar como homossexual. Segundo os alunos, a Escola nunca interviu nessa situação.

Nessa Escola, os problemas relacionados com a sexualidade é um assunto particular, que deve ser tratado em família, ainda que os mesmos interfiram no processo de ensino-aprendizagem.

Com dificuldade tentamos continuar a aula, mas alguns falavam alto “vem Bolsonaro”, “Bolsonaro 2018”. Numa clara alusão à negação do debate sobre gênero e sexualidade.



De acordo com esse resultado, parece não haver homofobia nesse grupo de alunos, mas quando vão justificar suas respostas fica evidente não só a homofobia como muito desconhecimento em relação ao tema.

Percebemos também a influência dos ensinamentos da Igreja em várias falas como, por exemplo:

_ “Deus criou o homem pra ser homem e a mulher pra ser mulher, mas devo respeitar para ser respeitado”. (Textos números 21,22).

A ideia perpassada nessa frase e em alguns textos é que o homossexual deixa de ser homem ou mulher para ser simplesmente homossexual, algo estranho e anormal já que para eles o normal é ser heterossexual e tudo o mais é comparado com essa categoria, mas sempre hierarquicamente inferior.

Além disso, percebe-se que o argumento que justifica a homofobia tem base religiosa, utiliza-se da autoridade da Palavra de Deus. Sendo o próprio Deus contrário á homossexualidade nada mais a contestar.

_ “Eu aceitaria um filho tranquilamente, mas se ele ficasse na dele”. (Evandro).

Percebe-se que a aceitação é condicional. É necessário que o homossexual continue se escondendo, fingindo ser o que não é pra que seja aceito.

E continua “não ficasse soltando graça, pois o hétero não gosta”. Mais uma vez um aluno demonstra a superioridade dos heterossexuais ao exigir um comportamento do homossexual e não o que este queira ter.

O fato de não querer ouvir e debater o tema também ficou claro em alguns textos:

_ “A homossexualidade é opcional para as pessoas, não tenho nada contra as pessoas, podem escolher, mas eu não acho nada sobre isso”.

Em alguns textos fica claro que “a mulher foi feita para o homem” denotando não só homofobia como machismo e misoginia. Nota-se também a afirmação de que o homossexual não é homem.

_ “A homossexualidade é uma opção de cada um, não julgo e nem defendo, mas acho que o certo é o homem ser homem e a mulher ser mulher feita para o homem”.

Apesar da orientação do MEC e dos PCNs, o debate sobre gênero e sexualidade não é realizado na escola e isso contribui para que a homofobia, a evasão, o fracasso escolar e a violência sejam permanentes.

Em outro texto observamos que o preconceito é tão presente que até dificulta na forma de os alunos expressarem a palavra “homossexualidade”:

_ “É uma opção que cada um tem, mas em minha opinião, **isso** (‘homossexualidade’) não é normal”. A expressão “isso” expressa certa

resistência à pronúncia da palavra homossexualidade. Faz-nos lembrar da Igreja Católica na Idade Média quando nomeava a prática homossexual de “**nefando**” o pecado tão terrível que nem podia ser pronunciado.

Também, nesse texto, como em outros, lemos que a homossexualidade “não é normal”. O que é ser normal? Normal aqui é o que é comum. O que é vivido pela maioria. Sendo que ser diferente, pensar e viver de forma não comum é o suficiente pra ser marginalizado, destituído de sua humanidade.

Outro aluno escreveu:

_ “O preconceito normalmente acontece por que não é comum ver duas pessoas do mesmo sexo se beijando em público” Se se beijassem escondido não seriam discriminados, até porque ninguém saberia da homossexualidade. A sociedade aqui representada continua exigindo que as pessoas sejam heterossexuais, mas, se tiver que ser, faça-o escondido dos olhos de todos.

Na continuação do texto o mesmo aluno justifica: “O pai pensa que se o filha ou o filho ver pode querer saber como é se tornando um”. Mais uma vez uma clara demonstração de ignorância, acreditar que a homossexualidade pode ser influenciada ou contagiosa. Infelizmente a escola como o local do conhecimento continua contribuindo com a ignorância.

Em outro texto a aluna conta que foi “xingada” de sapatão só porque estava abraçada com a sua mãe numa parada de ônibus. Percebemos que a aluna se sentiu muito ofendida; ser sapatão é mais que um palavrão.

Ficou claro também que não é só o homossexual que sofre com a homofobia, mas qualquer pessoa que apresente um comportamento suspeito, diferente.

Chamou-nos a atenção um texto em que o aluno defende o respeito aos homossexuais e afirma não ser doença, mas uma escolha, sendo que. No final, entre parênteses ele escreveu “Sou hétero” demonstrando o medo de ser julgado e confundido com homossexual.

Um texto, especialmente, culpa os próprios homossexuais pela homofobia que sofrem: “O preconceito existe por causa do modo de agir dos homossexuais”. Qual seria esse modo de agir? Muito provavelmente o fato de agir como homossexual.

Ser e se comportar como homossexual é uma atitude revolucionária, de resistência aos estereótipos e de, sobretudo uma expressão de liberdade que não deveria incomodar tanto nem ser motivo de marginalização.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossas observações e na análise discursiva dos textos, podemos perceber que o preconceito é muito grande entre os alunos e isso é motivado por três razões principais: pela ignorância da maioria que desconhecendo o assunto permanece crendo no que foi perpassado ao longo da história pelo senso comum.

Como resultado da impunidade diante de comportamentos homofóbicos de professores e alunos e a terceira razão, pela falta de comprometimento da escola com os que sofrem preconceitos em seus lares por acreditarem que se trata de problemas pessoais e não da escola.

A escola continua escolhendo conteúdos muito distantes da realidade dos alunos deixando de lado temas que venham contribuir no desenvolvimento de relações democráticas e solidárias evitando consequentemente o fracasso e a evasão escolar.

A proposta curricular precisa ser transitória como os valores sociais e as necessidades dos alunos, nela não cabem verdades absolutas e dogmáticas. Além disso, é preciso considerar o aluno como um todo.

Assim a aprendizagem deve abordar diferentes aspectos da vida como aprender a aprender, aprender a ser e aprender a conviver tendo em vista que todas as pessoas devem ser tratadas com dignidade.

Dessa forma, a escola não pode continuar propagando ideias e conceitos que alimentem o preconceito e a discriminação contra a pessoa humana, pelo contrário deve sempre mostrar que todos são dignos de direitos.

Em pleno século XXI não dá mais para se pensar em um ensino pautado na prática excludente e a atitude da escola é determinante, pois é o local onde mais se vivencia a heterogeneidade e onde se forma o caráter e os valores.

A ignorância é a razão de todos os preconceitos e consequentemente da violência como ficou evidente no texto de um aluno que após escrever sobre a homossexualidade como uma forma de viver a sexualidade, por medo de julgamentos e críticas, fez questão de fazer uma observação: “Eu penso assim, mas sou hétero”.

Infelizmente, os conteúdos vivenciados continuam bem distantes da realidade e por isso os alunos não veem motivos para aprender os assuntos, não tem perspectivas de futuro com o que aprendem constituindo em um motivo a mais para as brincadeiras e as piadas depreciativas.

Por outro lado ficou evidente a falta de valorização do professor que, ao tentar reclamar e mudar a situação são também desrespeitados e tidos como protetores dos homossexuais, ou homossexuais muitos optando pela indiferença ao estigma.

Antes de concluir ainda há muito que se estudar, que pesquisar e refletir, mas uma coisa é certa: É urgente a necessidade de mudar os conteúdos a serem abordados na escola e a forma de ensinar.

A Democracia não pode apenas continuar a ser ensinada, é necessário que seja praticada especialmente no que se refere ao respeito e ao acolhimento às singularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A; SILVÉRIO V.R. (orgs.) **Afirmando Diferenças: Montando o quebra-cabeça da Diversidade na Escola**. Campinas: Papirus, 2005.
- ALVES, Z. G. Inquisição e Homossexualidade na Colônia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS INQUISITORIAIS, III, 2011, Salvador. Cachoeira: UFRB, ago. 2011, p. 13.
- ANDRADE C. P. *Concepções sobre Diversidade de Orientações Sexuais veiculadas nos Livros Didáticos e Paradidáticos de Ciências e Biologia*. 2004. 211 f. Mestrado (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004.
- ARÁN, M.; CORRÊA, M. V. Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, jul.-dez. 2004.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BORRILLO, D. **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BOULOS JÚNIOR, A. **História: Sociedade & Cidadania**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2012.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.
Acesso em: 29 de out. 2016.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 11 de nov. 2016.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 29 de out. 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, 1997.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2016.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUSQUETS, M. D. **Temas transversais em educação - bases para uma formação integral**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CADERNO BRASIL SEM HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2016.

CAIXETA, V. P. Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil. Disponível em: <http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/foucault_e_a_educacao.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2016.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; SANTANA, G. Adoção Homoparental e Preconceito: crenças de estudantes de direito e serviço social. *Revista Pepsic*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, 2015.

COSTA, E. R.; OLIVEIRA, K. E. A Sexualidade segundo a Teoria Psicanalítica Freudiana e o Papel dos Pais Nesse Processo. *Itinerarius Reflectionis*, Goiás, v. 2, n. 11, p. 1-17, 2011.

DÍAZ, E. **A Filosofia de Michel Foucault**. Trad.de César Candiottto. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

DIAS, R. M. A vida como obra de arte. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfC-QAF/dias-rosa-maria-nietzsche-foucault-a-vida-como-obra-arte>>. Acesso em: 28 de jan.2017.

DIETER, C. T. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf>. Acesso em: 24 de mai. 2016.

DINIS, N. F. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492, mai/ago. 2008.

FERRARI, M. Por meio de uma análise histórica inovadora, o filósofo francês viu na educação moderna atitudes de vigilância e adestramento do corpo e da mente. Disponível em:

<<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-foucault-307907.shtml>>. Acesso em: 11 de nov. 2016.

FERREIRA, A. B. C. Discurso e Ideologia: um olhar sob o enfoque da análise do discurso. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11253438-Discurso-e-ideologia-um-olhar-sob-o-enfoque-da-analise-do-discurso-discourse-and-ideology-an-overview-under-the-focus-of-the-discourse-analysis.html>>. Acesso em: 28 de jan. 2017.

FERREIRA, T. S. Diversidade Sexual na Escola: Formação Docente, Práticas Pedagógicas e Exclusão. *Revista Entrelaçando*, Bahia, n. 9, p. 44-57, out. 2013.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, Rio Grande do Sul, n. 114, p. 197-223, 2001.

FÓRUM. **O legado de Michel Foucault**. Disponível em:

<<http://www.revistaforum.com.br/2014/06/26/o-legado-de-michael-foucault/>>

Acesso em: 19 de set. 2016.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

_____(2014) **A ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola.

_____(1988) **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução ALBUQUERQUE, M.T. da C.; ALBUQUERQUE, J.A.G. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1988.

_____(1994) **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro. Edições Graal.

_____(1979) **Microfísica do poder**. Org. e Trad. de Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____(1999) **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes.

FRANÇA, I. S. X; BAPTISTA, R. S. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 2, p. 202-206, 2007.

FRANK, F. A Escola Contemporânea e seus Reflexos no Mercado de Trabalho: Apontamentos sobre o cuidado de si, de Foucault. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2401/930>>. Acesso em: 19 de set. 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. A. R. *Purpurina na Terra do Cangaço: Refletindo a Homossexualidade na Escola*. 2009. 157 f. Mestrado (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. 2009.

FERREIRA, M. O. V.; SANTOS, L. P. Diversidade sexual e docência na produção do Grupo de Trabalho 23 da ANPED (2004/2011)¹. *Rev. Educ. PUC-Camp.*, Campinas, 19 (3) p. 195-204, set./dez., 2014.

GALLO, S.; NETO, A. V. Foucault: Filosofia e Educação ou Ensaio para uma Filosofia da Educação. Disponível em: <<http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20-%20Silvio%20&%20Alfredo%20-%20Editorado%20Final%20-%20dez%2006.pdf>>. Acesso em: 11 de nov. 2016.

JESUS, A. R. Currículo e Educação: conceito e questões no contexto educacional. Disponível em: <http://lagarto.ufs.br/uploads/content_attach/path/11339/curriculo_e_educacao_0.pdf>. Acesso em 04 de mar 2017.

JESUS, U. C. S.; FILHO, O. P. M. Discursos sobre a homossexualidade no espaço escolar: considerações à luz da análise de discurso. In: I CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: LINGUAGENS E LEITURAS. 1, 2009, Ilhéus. *Anais...* Ilhéus: UESC, 2009. P. 1-9.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo Heteronormativo e Cotidiano Escolar Homofóbico. *Espaço do Currículo*, Paraíba, v. 2, n. 2, p. 208-230, set/mar, 2010.

JUNQUEIRA, R. D. (Org.). ***Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas***. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LIMA, F. A. R. O princípio da dignidade da pessoa humana nas constituições do Brasil. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11138>. Acesso em: 04 de mar. 2017.

- LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.
- _____(1997). **Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.
- _____(1999). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____(2013). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____(2004). **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. *Estudos Feministas*, 13 (1): 179-199 Jan/Abr., 2005.
- LUCION, C. Homofobia na Escola Pública. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/981-4.pdf>>.
- Acesso em: 24 de mai. 2016.
- MARQUES, L. R. *Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise*. 2008. 117 f. Mestrado (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro. 2008.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 25 Ed. Nacional: Civilização Brasileira, 2008.
- MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. Nacional: Melhoramentos, 2011.
- MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*, São Paulo, n. 49, p. 40-59, mar./mai., 2001.
- MOTT, L. Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2014. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>.
- Acesso em: 29 de out. 2016.
- MOREIRA, A. A Homossexualidade no Brasil no Século XIX. *Revista Bagoas*, Mato Grosso do Sul, v. 6, n. 7, p. 253-279, 2012.

MOREIRA, F. C.; MADRID, D. M. A Homossexualidade e a sua História. Disponível em:

<<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569>>. Acesso em: 28 de out. 2010.

NETO, Luiz Ramires. Um Silêncio Desconcertante: A Homossexualidade Permanece Invisível na Escola. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t237.pdf>> Acesso em: 28 out. 2016.

NUNES, M. L. S.; MACHADO, C. J. S.; VASCONCELOS, L. M. **Diálogos sobre Gênero, Cultura e História**. 1ª ed. Fortaleza: EDUECE, 2015.

RAGO, M. Políticas Públicas para as Mulheres: da governamentalidade às práticas da liberdade. Disponível em: <<http://soscopo.org/ponto-de-vista-politicas-publicas-para-as-mulheres-da-governamentalidade-as-praticas-da-liberdade/>>. Acesso em: 04 de mar 2017.

ROCHA, J. A. **Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

SANTOMÉ, J. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, T. T. (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, W. S. O Discurso sobre Homossexualidade na Educação. Disponível em: <<http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2015/03/SANTOS1.pdf>>. Acesso em: 28 de out. 2016.

SEPULVEDA, D. A religião influenciando na homofobia no cotidiano escolar: analisando algumas práticas de professoras. Disponível em: <http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1404519309_ARQUIVO_Textocompleto2.pdf>. Acesso em: 04 de mar. 2017.

SEPULVEDA, D; SEPULVEDA, J. A.; LUZ, L. O. F. A Sexualidade e o Gênero nos Cotidianos das Escolas: A questão da diferença e o padrão heteronormativo. Disponível em: <http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467406672_ARQUIVO_ASEXUALIDADEEOGENERONOSCOTIDIANOSDASESCOLAS3.pdf>.

Acesso em: 24 de fev. 2017.

SILVA, J. O. O Livro Didático no Discurso de Professores de Inglês. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/reaa/article/view/1321/667>>. Acesso em: 13 de nov. 2016.

- SILVA, T. T. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In: _____ *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013.
- SOUZA, J. M.; SILVA, J. P. Homofobia: Discutindo a Discriminação no meio Escolar. *Revista Gepiadde*, Itabaiana, A. 5, v. 9, jan.-jun. 2011.
- SOUZA, L. C. *Gênero e sexualidade na formação de docentes em Biologia*. Curitiba: 2008. 57 p.
- SOUZA, W. L. Ensaio sobre noção de poder em Michel Foucault. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-22, 2011.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VAIFAS, R. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- VALEIRÃO, K. *Foucault na Educação: ferramentas analíticas para a práxis educacional hoje*. 2009. 93f. Mestrado (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul. 2009.
- VENCATO, A. P. A diferença dos outros: discursos sobre diferenças no curso Gênero e Diversidade na Escola da UFSCar. *Revista Contemporânea*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 211-229, jan./jun. 2014.

ANEXOS

Anexo1: Textos dos Alunos (as)

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

18/05/16

Aluna: Gézia Borges

A homossexualidade tem sido um assunto muito discutido ultimamente. Muitos contra e muitos à favor. Na minha opinião, a homossexualidade é uma escolha, uma atração, que do mesmo jeito que uma mulher tem atração por homem, ela pode ter por outra mulher e ele por outro homem. Então, eu não tenho nada contra, e ao contrário, sou a favor da homossexualidade.

12

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

HOMOSEXUALIDADE

Nome: ELVIS

Série: 3ª Anot

Em muitos casos que existe nos diferentes lugares no mundo o termo "HOMOSEXUALIDADE" deve ser um erro de sete palavras para algumas pessoas. cada um tem sua opinião mais, respeito ~~ao~~ é uma questão clara e objetiva para ser discutido. isso tem que num de casa os Pais que tem que da a voz do assunto ao filho e não "maltratar" a questão desse Respeito.

11

A homossexualidade

A homossexualidade é uma opção de cada um, não fulgo e nem dependo. O problema é que a sociedade se preocupa demais. O certo mesmo é o homem que ~~se relaciona~~ homem, e mulher por mulher, feito para o homem.

10

18.05.16 ⚡
 ++++++

⚡ A homossexualidade é especifica para as pessoas. Não tem nada contra as pessoas podem escolher. Mas eu não acho nada sobre isso.

hoje em dia é um assunto bastante discutido porque algumas pessoas não aceita. tem muitos homossexuais que sofrem bastante bullying dentro de casa, na escola ou no trabalho. ⚡

9

Flaviane martins 3=A

Monster High

© Mattel

tilibra

19.03.2016



Homossexualidade *Alma Maria Ruiz 3ºA*

A Homossexualidade no Brasil ainda existe por muitos como algo errado, na minha opinião as pessoas sabem quem querem e o que gostam de fazer, as pessoas que gostam do mesmo sexo devem ser respeitadas por serem pessoas mais entende e pensamentos de quem se respeita pois eles amam da mesma forma e na mesma intensidade de um casal heterossexual.

Dev mais devem ser desestimulados por sua natureza não pessoas que muitos vezes são agredidos e discriminados apenas por amar quem eles gostam ou julgam por isso e na sua própria decisão diz não julgar, amar os próximos, cada um tem seu livre arbítrio então por que isso? Qual o prazer de amar pessoas do mesmo sexo? É a mesma forma de amor e ~~amor é a única coisa que importa e não ele pode mudar o mundo.~~

8



Como Como 3am A

DSI 0055

Homossexualidade

18/05/2016

Nos dias de hoje os homossexuais são muito discriminados, principalmente no meio familiar e no escola, mas não. Eles podem amar quem eles quiserem, ninguém precisa está opinando para opção dessas pessoas ou cuidando da vida alheia, eu apóio que eles possam viver do jeito que quiserem e que sejam livres.

7

6



"Homofobia"

Homofobia é o ódio, a aversão e a desaprovapão das pessoas homossexuais. Irrracional, perigosa e às vezes arrebatada. Algo muito que ocorre no tempo em que todos imaginavam que o preconceito estaria um mínimo. Preconceito está patrocinado, por exemplo: pela igreja, pelo estado e até por homossexuais da própria sociedade.

com base em estudos e publico vários vulgares contém ensinamentos anti-homossexuais da própria discriminação e excluindo aqueles que apresentam comportamento contrário aos que estão escrito na Bíblia. Chopin a glorifica os homossexuais como: pecadores, seres das trevas, etc.

A homofobia ainda do estado em muitos lugares criminaliza e penaliza a homossexualidade.

Aluna: Beatriz da Silva. 3ª



5
18-05-16

HOMOSSEXUALIDADE

UM TEMA BASTANTE POLÊMICO, POR CONTÁ
DOS HOMOFÓBICOS. PORÉM ESTAMOS AQUI PARA
FALAR SOBRE A MINHA OPINIÃO.

PENSO QUE UMA PESSOA PODE SER O QUE QUISER
A ESCOLHA É DELA, ATÉ PORQUE NÃO ME INCOMODO
COM A ORIENTAÇÃO SEXUAL DO PRÓXIMO. UMA VEZ EU
E MINHA MÃE FOMOS XINGADOS POR DUAS HOMOFÓ-
BICAS EM UMA PARADA HÁ MAIS 3 ANOS ATRÁS.

PORQUE ESTAVAMOS ABRACADAS ESPERANDO O
ÔNIBUS ELAS DUAS JÁ PASSANDO EM UM DOS
POLEONES E ENTÃO NOS VIRAM, CONSEQUENTEMENTE
NOS AGREDINDO VERBALMENTE, NOS CHAMARAM DE
SABATÃO. ENTÃO EU VIREI E DISSE COM MUITO
ORGULHO E MINHA MÃE COMEÇOU A SORRIR.

Aline Thais

3ª MANÃ

ASTRAL

Evandro Ramos

Homossexualidade - Minha opinião, se o meu
filho fosse homossexual, eu estaria tranqui-
lo se ele fosse no dele. Porquei tem
vários que sam pra ficar saltando
groselas para os outros, e o futuro
nãõ gasta que ninguém saltando grosela.

LOVE

tilibra



03

18/05/16

Su acho que a pessoa tem que ir atrás da sua felicidade, e se ela é feliz com a pessoa de mesmo sexo, é o que importa, opinião sexual nenhuma é motivo para ser infeliz, nascemos com a livre arbitrio de fazer nossa escolha, nascemos livres de sermos quem quisermos, nessa vida, nessa escolha, cada um pensa de uma forma, infelizmente vivemos no país onde ser "feliz" da forma que achamos melhor é "errado", é um assunto onde ninguém se compromete a ouvir.

Maria Gabrielly M. F.

11 (02)

O termo Homossexualidade é alvo de preconceito principalmente no Brasil por conta do modo de agir dos homossexuais as pessoas em geral tratam o termo como doença, porém na minha opinião não se trata de uma doença mas sim uma decisão psicológica que provavelmente leva a estas pessoas o terem certeza de o que eles querem e escolheram ser, é errado porém o que da à entender o que influência de outras homossexuais pode estar relacionado a este caso mas também por medo de ser rejeitado ou ser rejeitado por mulheres

OSTOISS Victor Hugo m. Giviere / /

A homossexualidade, e sobretudo de quem
 no mesmo Combelle é uma coisa indesejada
 os casos pouco frequentes filia com a ideia
 que se chama porque queriamos ser como
 a maioria. Como de viver dentro de uma prisão
 e o que acontece geralmente na sociedade de hoje
 muitos indivíduos ficam presos no seu
 próprio corpo por medo de um q que se
 tem filia por medo do que se pensa
 vão pensar ou agir sobre ele e assim
 ficando algo que ele não é e se tornando
 em um suicida porque não quer
 mais todo dia viver algo fora
 da sua verdadeira realidade.

O preconceito moralmente contra
 porque no só com os dois casos. Por isso
 do mesmo sexo mas obrigando em
 público ou um nome vestido de
 mulher e assim criando a diversão
 moral, e criando a violência porque
 um pai pode se misturar filia com
 filia ou ele pode querer fazer como
 e se tornando um.

CAPRICHÔ YEAH

Aluno: Carlos Eduardo L
3º A

Homossexualidade

Na minha opinião homossexualidade é um assunto muito complexo, onde cada pessoa tem um determinado jeito de pensar sobre a homossexualidade. Eu acho que o sexo que a pessoa tem ela não tem por parte da criação, pode ser influenciado, porém eu acredito que você nasce com ela. Contributo isso é uma coisa que ainda requer muito atenção pois essa sociedade de hoje é muito preconceituosa.

29

data

S I R Q S S D

Homossexualidade é uma coisa normal hoje em dia,
é a orientação sexual que uma pessoa tem
do nascer até o momento de morrer
pessoal. Diversas pessoas ainda tem muito
preconceito principalmente dentro de casa com os
familiares. Todos tem o direito de escolher
e ter a todos respeito as escolhas.
Muitas ~~vezes~~ por ter uma escolha diferente dos
demais acham que podem tudo e acabar ultrapassando
diversos limites. O preconceito é muito
grande em escolas e locais públicos, respeito
muito as opiniões de todos não é que
desrespeito a minhas opiniões, pois cada um
tem suas opiniões.

23

Gabriel Paiva

DSIQSSS

(Lil)

O Sexo é uma opção, não meu pensamento
ninguém nasce, e sim é criado e educado
para ser aquilo. Cada um deve ter sua escolha
Cada um faz o que bem entende, se quiser ser
gay eu não é de você, e se não ~~se~~ quiser
é uma opção sua, então as pessoas discriminadas
que não reidentadas não merecem, se bem ~~que~~
~~minho opaco homem para mulher, e a mulher~~
~~para o homem, porém se eu quero ser respeitado~~
~~tanto que respeito~~

22

CAPRICHÔ YEAH



homossexualidade

Então, tem um grupo de pessoas, existem pessoas que se sentem, ~~Eu não acredito, acredito que quando~~ ~~uma pessoa quer homem é como~~ ~~ela homem, mas é como dizer~~ existem várias maneiras de pensar e de concordar sobre um assunto.

23



tilibra

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Homossexualidade

Homossexualidade, ser homossexual é uma opção é o gosto de cada um ~~(de)~~ ser do jeito que achar melhor, do jeito em que se identifica, no jeito de agir, de pensar, de ser independente do sexo o que vale é o coração.

20

Aluna - Beatriz de Aquino Lima - 3A

Aduma: Mérica

18.05.16

Homossexualidade

É uma opção que cada um tem e que deve ser respeitada, muitos têm preconceitos porque nem todo mundo joga bola de menina de menina de boneca, ~~mas minha opinião é que a homossexualidade não é normal~~ É uma pessoa que escolhe seu género.

19



11

Presente desde o começo da humanidade, a diversidade de preferências sexuais, está a perpetuar por várias civilizações, e várias pessoas, sendo assim, olhando para nossa história podemos constatar a homossexualidade como algo natural presente no homem como muitas outras espécies sexuais.

O preconceito pode ser observado por causa de religiões que condenam a prática, e ou também por conta da maioria das pessoas terem preferências heterossexuais, surgindo assim um preconceito por causa das diferenças.

18



Homossexualidade

São pessoas normais, pois a natureza de cada ser humano, não está em seu corpo, e sim em seu cérebro. Com isso, devemos respeitar as pessoas por sua liberdade de escolha. Cada um nasce para viver como deseja. E cabe aos outros aceitar e respeitar. O fato de ver pessoas de ~~esse~~ sexos diferentes se amando, não me abala, e sim o preconceito e a violência sofrida.

Maria Elena 3^a A

17



HOMOSEXUALIDADE

Victor Suma

A HOMOSEXUALIDADE É UM COMPORTAMENTO QUE ACOMPANHA O SER HUMANO DESDE AS PRIMEIRAS FORMAS DE CIVILIZAÇÃO. HOMENS E MULHERES ERAM SUJEITOS ~~DE RELACIONAMENTOS~~ A TER RELAÇÕES SEXUAIS COM INDIVÍDUOS DO MESMO GÊNERO, SEM SOFRER NENHUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU PERSEGUIÇÃO. ALÉM, O COITO NAS FAMÍLIAS ARISTOCRÁTICAS ERA UTILIZADO, MUITAS VEZES, EXCLUSIVAMENTE PARA A PROCREAÇÃO E SUCESSÃO DA FAMÍLIA.

A SEXUALIDADE PASSOU A SER CONSIDERADA COMO ANOMALIA, A PARTIR DO CRESCIMENTO DA IGREJA CATÓLICA QUE CONDENAVA QUALQUER TIPO DE ATO SEXUAL ENTRE PESSOAS DO MESMO GÊNERO.

CIENTISTAS E FILÓSOFOS DA IDADE MODERNA TENTARAM ^{ESTUDAR E} ~~PROVAR~~ ^{PROVAR} "HOMOSEXUALISMO" OU SEJA UMA DOENÇA COM SINTOMAS E CARACTERÍSTICAS, MAS NÃO ACABAM NADA DIFERENTE ANATOMICAMENTE ENTRE UM SUJEITO HOMOSEXUAL E ÉTEROSEXUAL.

PORTANTO, NA MINHA OPINIÃO A HOMOSEXUALIDADE NÃO É UMA DOENÇA E NEM ALGO QUE NASCE COM VOCÊ, POR QUE JUSTAMENTE NÃO HÁ NENHUM FATOR BIOLÓGICO OU ANATÔMICO QUE DEMONSTRE TAL PROCESSO.

A HOMOSEXUALIDADE É UM COMPORTAMENTO QUE PODE ESTIMULADO OU NÃO POR FAMILIARES, AMIGOS, COLEGAS. CABE A QUALQUER PESSOA ESCOLHER SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL CIENTE DAS ~~CONSE~~ EVENTUAIS CONSEQUÊNCIAS E PREJUÍZOS QUE ISSO PODE CAUSAR. CADA VEZ MAIS PESSOAS ESCOLHEM SE DECLARAR SUA ORIENTAÇÃO PORQUE A SOCIEDADE ESTÁ MUDANDO E ACEITANDO CADA VEZ MAIS TALS ESCOLHAS.

O HOMOSEXUALISMO É TÃO NATURAL QUANTO O ÉTEROSEXUALISMO.
A DIFERENÇA ESTÁ NOS OLHOS DE QUEM VÊ E NÃO ACEITA. (SOU ÉTERO!).

16

Homossexualidade.

Vivemos em uma sociedade preconceituosa, para muitas pessoas ser gay é algo muito errado e não conseguem aceitar ~~uma~~ pessoas que opinam por uma escolha diferente.

Essa ~~opinião~~ ^{opinião} vai da escolha de cada um, sabendo que, na realidade em que vivemos a homossexualidade pode ser algo fatal, pessoas matam por isso, desanimam por não gostarem da escolha do outro. Isso não é do meu reino, só em Deus próprio caso o gay sofre preconceito. Uns não suportam e acabam se matando. A Homossexualidade deve ser respeitada, não se pode julgar ninguém pelo sexo e pela escolha.

15



DSIQSS

Existem vários momentos de pensar, as
pessoas tem valores preconcebidos, acho que
há uma pessoa que se relaciona
com uma de mesma natureza, tem que ter
respeito da mesma forma, pois todos
merecem respeito, independente da reser-
dade.

14



18/05/16

13

A Paléstrina foi muito voltada a sociedade homossexual, sobre o que foi dito, da antiguidade até agora, no século que vivemos, sempre existiu homossexuais na sociedade, mas não com toda liberdade que existe hoje, apesar do preconceito que ainda existe e muito, mas no meu conceito, existe o preconceito por falta do conhecimento que varias pessoas ainda acha que mulher nasceu para estar com homens e homens para, estar com mulher e construir a família, esse preconceito vem muito das igrejais evangélicas que pensam nisso, mas minha opinião é que, se queremos e buscamos ser mais modernos na sociedade, deveremos suspender a vida sexual do outro, que ninguém escolhe ser gay ou lésbica, a pessoa já nasce assim, até porque a gente tem de outras vidas e temos que viver independente da maneira ou escolha de sexo.

"Gostaria de dizer Para você que viva como quem sabe que vai morrer um dia, e que morra como que sabe viver direito!"



Anexo 2: Projeto de Intervenção

Este Projeto tem como objetivo contribuir com a implementação do debate sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual por sentirmos, durante a pesquisa, que muitos problemas da escola pública como a evasão e fracasso escolar, o uso de substâncias psicoativas, tentativas de suicídio e comportamentos homofóbicos estão relacionados a preconceitos causados pela ignorância em relação a esses assuntos e também por acreditarmos que, como a escola pública é laica e democrática não pode prescindir desse debate.

Além disso, o direito à educação para a igualdade de gênero, raça, orientação sexual e identidade de gênero tem base legal na Constituição Brasileira (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), nas Diretrizes Nacionais de Educação e Diversidade, nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (art. 16), elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação, e na Lei Maria da Penha (2006).

Esse direito também está previsto nos tratados internacionais de direitos humanos com peso de lei dos quais o Brasil é signatário: a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino (1960), a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1968) e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), entre outros.

O próprio Plano Nacional de Educação (2014-2024), em seu artigo 2º, prevê a implementação de programas e políticas educacionais destinadas a combater “todas as formas de discriminação” existentes nas escolas, entre elas, as que se referem às desigualdades de gênero, de raça, de orientação sexual e de identidade de gênero. No mesmo artigo, o PNE prevê a promoção dos direitos humanos e da diversidade na educação brasileira.

Esperamos que o respeito às singularidades não seja vivenciado apenas nesse projeto e no momento de aulas, mas que à partir dele se

conquiste um comportamento vivenciado em todos os setores da escola e todas as pessoas da comunidade escolar.

RECURSOS MATERIAIS

Jornais, revistas, textos impressos, filmes, TVs, DVDs, cartolinas, pinceis atômicos, lápis, borracha, régua, cola.

RECURSOS HUMANOS

Alunos voluntários do ensino médio.

CRONOGRAMA

Janeiro a Junho de 2017

METODOLOGIA

Debates, palestras, teatros, filmes, elaboração de textos, cartazes e vídeos.

Em cada encontro de 50m serão discutidos os seguintes temas: Gênero e sexualidade; História da homossexualidade.

AValiação

O processo avaliativo será de forma contínua e processual, considerando os aspectos qualitativos e quantitativos.

- Qualitativos: assiduidade, participação, responsabilidade, esforço, desempenho nas atividades propostas, etc.

- Quantitativos: participação oral, apresentação de trabalhos e produções de texto, vistos nas atividades propostas, leitura fluente, interpretação, etc..

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1º Encontro: Gênero e sexualidade

Introdução

Dividir os alunos em sete grupos para discutirem as seguintes proposições:

- Como a sociedade geralmente julga meninos que brincam de boneca e de casinha e meninas que brincam de carrinho e jogam bola.
- O que vocês acham do enxoval de bebê que usa roupas de cores rosa para menina e azul para menino?
- Citem algumas profissões que são prioritariamente pensadas para homens e outras para mulheres. Como é visto a mulher que dirige um ônibus, por exemplo.
- Citem alguns trabalhos domésticos tradicionalmente de meninas e outros de meninos.
- Como é visto o menino que briga na rua e a menina que briga?
- A virgindade é encarada da mesma forma para rapazes e moças?
- A gravidez precoce e sem planejamento é um problema igual para o rapaz e a moça

Após o debate em pequenos grupos fazer uma explanação para todos das conclusões.

Explicar o que é Gênero e suas relações com o machismo, a violência contra a mulher, e a homofobia.

2º Encontro: Continuação

- Ler e discutir as respostas do questionário “diagnóstico”.
- Ver o filme “Orações para Bobby”
- Pedir que os alunos escrevam o que mais chamou a atenção do filme colocando título no seu texto.
- Escrever no quadro os títulos de maneira que os textos sejam agrupados. Exemplo: suicídio; dificuldade em expressar a homossexualidade para a família; homossexualidade e religião; etc.

Definir a sequência dos debates de acordo com o interesse da maioria, ou seja, se a maioria enfatizou o suicídio o debate será sobre isso no próximo encontro e assim sucessivamente.

3º Encontro: Suicídio entre os homossexuais

- Cada aluno irá ler seu comentário sobre o filme conforme escolhido no encontro anterior e a cada leitura uma discussão.
- Após discussão pedir que os alunos façam cartazes sobre o tema.
- Apresentação dos cartazes.

4º Encontro: A dificuldade em contar para a família e amigos (as)

- Leitura dos textos que abordam a questão do segredo e discussão.
- Pedir que, em equipe os alunos escrevam as vantagens e as desvantagens em se guardar segredo de sua orientação sexual.
- Os alunos irão socializar a conclusão: é melhor falar ou guardar segredo? Por quê?
- Tarefa para casa: Escrever, ensaiar uma peça de teatro para apresentar na próxima aula.

5º Encontro: Além do suicídio outras violências sofridas por homossexuais.

- Apresentação das peças de teatro.
- Leitura dos textos que abordam a questão da violência e discussão.
- Leitura e discussão do relatório sobre a violência causada a homossexuais em 2013.
- Tarefa para casa: trazer na próxima aula homossexuais que possam contar para a turma a sua história de discriminação sofrida.

6º Encontro: Violência sofrida por homossexuais.

- Os homossexuais contarão suas histórias e depois serão entrevistados pelos alunos.
- Assistir ao filme “Meninos não chora”

- Tarefa para casa: Entrevistar homossexuais na Escola pra saber se já foram discriminados e como a Escola resolveu.

7º Encontro: Violência sofrida por homossexuais

- Discutir o filme “Meninos não chora”
- Ler e discutir o Texto “Violência contra homossexuais” de Dráuzio Varella.
- Apresentar e discutir as entrevistas
- Fazer cartazes contra a discriminação na Escola
- Tarefa para casa: Procurar saber quem abandonou a Escola esse ano e visitar aqueles que são homossexuais para saber se a saída deles tem a ver com discriminação.

8º Encontro: Direitos dos homossexuais

- Socializar sobre a visita feita a um aluno(a) homossexual.
- Assistir o filme “Filadélfia”.
- Discutir o filme enfatizando que o homossexual tem direito ao trabalho e a educação.
- Ler as Leis que abordam os direitos dos homossexuais.
- Tarefa para casa: Levar na próxima aula casais homossexuais que casaram e casais que adotaram bebês ou criam seus próprios filhos.

9º Encontro: Direitos dos homossexuais

- Apresentar os casais, pedir que eles contem o dia a dia da família e depois serão entrevistados.
- Pedir que os alunos escrevam textos sobre “Os direitos do Homossexual”.

10º Encontro: Direitos dos homossexuais

- Ler e discutir os textos escritos na aula anterior sobre “Os direitos dos homossexuais”

- Fazer cartazes utilizando frases interessantes dos textos.
- Tarefa para casa: Criar um blog onde serão postados todos os cartazes e textos elaborados durante os encontros.

Culminância do Projeto

Explicar o que foi o Projeto e o motivo da sua existência. Depois uma palestra sobre homossexualidade. Feito isso os alunos irão socializar os conhecimentos adquiridos e as atividades realizadas para os outros alunos da escola.

Anexo 3: Resumo dos filmes

Orando por Bobby

Este trabalho indaga as experiências vividas por uma personagem do filme *Orações para Bobby* (de Russell Mulcahy, 2009, baseado em fatos reais) chamada Mary Griffith, interpretada por Sigourney Weaver, e a forma como estas experiências se relacionam com sua intimidade religiosa, social e familiar moldando seu modo de ser-no-mundo e abrindo para ela novas possibilidades de ser-com-o-outro. Estes conceitos (ser-no-mundo; ser-com-o-outro) têm origem no pensamento do filósofo Martin Heidegger, onde ser-no-mundo se caracteriza como a capacidade do homem de experienciar o mundo sendo junto a ele e ser-com-o-outro se refere à capacidade do homem de se abrir a possibilidades de vivências com o outro. O filme nos mostra Mary Griffith, mulher cristã que acredita por causa da sua religiosidade que é errado vivenciar a homossexualidade, vivendo um momento existencial conflitante após seu filho mais novo Bobby Griffith (Ryan Kelley) decidir se lançar de uma ponte e encerrar sua existência aos vinte anos. Após encontrar um diário com anotações dele, passa a compreendê-lo e isso desvela para ela a possibilidade de se tornar uma ativista dos direitos dos homossexuais. As questões que

orientaram este trabalho foram: 1) Como as experiências de ter um filho homossexual podem desvelar um novo modo de compreender o mundo a partir do respeito à diferença? 2) Como vivenciar a dor da perda de um filho ante uma situação de preconceito sexual/religioso pode abrir possibilidades para questionar sua fé e, dessa forma, produzir sentidos para vivenciá-la de forma mais humanizada? A partir da fenomenologia existencial de Heidegger, em especial as suas reflexões sobre a angústia e a morte desenvolvidas em *Ser e Tempo*, percebemos que a morte de Bobby traz à existência de Mary o fenômeno da angústia, onde sua angústia a põe diante de si e revela-lhe a sua essência transcendente, desconexa do mundo. Para Heidegger, mais nadificante do que a ideia, ou pensamento, de negação (que não vê sentido em coisa alguma) é a própria experiência de dor. É através do sofrimento que o homem se vê de forma mais radical diante do abismo de sua existência e, desta forma, ao mesmo tempo em que a angústia paralisa Mary, ela também abre a ação, abre para a vida.

Meninos Não Choram (Boys Don't Cry)

Diretor: Kimberly Pierce Origem: EUA Ano:1999

O filme conta a história de Teena Brandon, uma garota homossexual que busca uma nova identidade masculina, passando a se chamar Brandon Teena. Logo no início do filme Teena já se comporta como um menino e guarda dinheiro para uma cirurgia de mudança de sexo. Inicialmente, mora com um primo e se envolve em confusões após descobrirem sua identidade sexual. Fugindo de sua cidade natal, conhece Candace, John e Tom, três jovens que fazem amizade com Brandon e o convidam para visitar a pequena cidade Falls City. É em Falls City que a história realmente começa, quando Brandon conhece Lana e se apaixona por ela. Falls City é uma cidade pequena do interior dos EUA. Na época em que o filme se passa, muitas cidades do interior são conhecidas por seu preconceito e intolerância com negros e homossexuais. Nesse contexto, Brandon tenta esconder de todas as formas que é uma mulher, com medo do preconceito e da violência. Mas, quando conhece John e seus amigos, acaba se envolvendo com Lana, um

relacionamento que já seria um problema se Brandon tivesse nascido homem, pois Lana possuía um relacionamento conturbado com John, que ao longo do filme se mostrou possessivo com Lana, havia sido preso anteriormente, possuía um humor instável, intercalando euforia com acessos de raiva, além de se mostrar violento; como é mostrado na cena em que eles estão fugindo dos policiais e ele manda todos saírem do carro, levando com ele apenas Lana e uma amiga. O relacionamento entre Lana e Brandon se inicia com o encantamento que Lana sente pelo jeito menos rude e machista de Brandon falar. Ele representa uma realidade que Lana não estava acostumada, com uma pessoa que a trata com respeito e sem violência, além de Lana começar a pensar em um futuro diferente para si, pois Brandon fala sobre suas viagens e histórias (mentiras) e ela se entusiasmando em sair de Falls City, que não lhe oferece grandes oportunidades. Quando a identidade sexual de Brandon é revelada, todos na cidade se mostram homofóbicos, até mesmo sua amiga Candace e a mãe de Lana. A única pessoa que fica ao seu lado é Lana, que parece não se importar com a condição de Brandon. Em meio a essa revelação, todos querem ver Lana e Brandon afastados, como se Brandon possuísse uma doença e fosse transmitida para Lana. Assim, todos se calam ao ver as maldades que John faz a Brandon, parece que todos se negam a ver e falar sobre o assunto. John trata Brandon como um animal, como se ele não fosse nem homem nem mulher, e por isso, não merecesse respeito. O filme mostra um conservadorismo hipócrita que envolve toda aquela sociedade. John, ao mesmo tempo em que vê Brandon como uma aberração, é um homem violento, ex-presidiário, que desrespeita as mulheres e não possui escrúpulos, sendo capaz de estuprar e matar uma pessoa. Isso também é mostrado nas atitudes dos outros moradores da cidade, que apesar de Brandon se uma pessoa educada e carinhosa com Lana acaba apoiando John em suas atitudes, somente pelo fato de Brandon ser homossexual; e aqueles que não se mostraram preconceituosos acabaram sofrendo tanto quanto Brandon, sendo vistos como “cúmplices de um crime”. O mais chocante do filme é que se trata de uma história real, e que ainda hoje, nós vemos muitos casos de violência contra os homossexuais aqui no Brasil e em todas as partes do mundo.

Filadélfia, com Tom Hanks.

Censura: 12 anos

Filme estadunidense de 1993, do gênero drama, dirigido por Jonathan Demme. O filme é polêmico, comovente e inesquecível; o advogado Andrew Hackett, bem-sucedido e reconhecido na empresa em que trabalha, esconde sua homossexualidade dos colegas de trabalho e de sua chefia, mas, quando os sintomas da AIDS começam a aparecer, ele é sumariamente demitido. Outra trama a mostrar um momento-chave na sociedade norte-americana, evidencia a reação da opinião pública diante não só de uma doença que naquele momento era um verdadeiro mistério como também do preconceito contra os gays.

Anexo 4: Textos

Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013/2014

O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulga mais um Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2013. Foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo uma transexual brasileira morta no Reino Unido e um gay morto na Espanha. Um assassinato a cada 28 horas! Um pequeno decréscimo (-7,7%) em relação ao ano passado (338 mortes), mas um aumento de 14,7% desde a posse da Presidenta Dilma. O Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes homo-transfóbicos: segundo agências internacionais, 40% dos assassinatos de transexuais e travestis no ano passado foram cometidos no Brasil. Pernambuco e São Paulo são os estados onde mais LGBT foram assassinados e Roraima e Mato Grosso onde os estados mais perigosos para esse segmento. Manaus e Cuiabá foram as capitais onde registraram-se mais

crimes homofóbicos, sendo o Nordeste a região mais violenta, com 43% de “homocídios”. Os estados menos violentos foram o Acre, sem notificação de mortes de homossexuais nos últimos três anos, seguido do Amapá e do Espírito Santo, respectivamente com 1 e 2 ocorrências. 2014 começa ainda mais sangrento: só em janeiro foram assassinados 42 LGBT, um a cada 18 horas.

Como nos anos anteriores, o Nordeste confirma ser a região mais homofóbica do Brasil, pois abrigando 28% da população brasileira, aí se concentraram 43% das mortes, seguido de 35% no Sudeste e Sul, 21% no Norte e Centro Oeste. Embora Manaus (2 milhões de habitantes) tenha sido a capital onde foi registrado o maior número de crimes homofóbicos (12), número altíssimo se comparado com os 5 de São Paulo capital (12 milhões de habitantes), em termos relativos, Cuiabá é a capital mais homofóbica do Brasil, com 17,6 homicídios para quase 570 mil habitantes, seguida de João Pessoa, com 14,3 mortes para 770 mil. Palmas ocupa o terceiro lugar, com 11,6 assassinatos para 257 mil habitantes, enquanto S. Paulo teve 5 mortes de LGBT, o que representa 0,42 para 12 milhões de moradores.

Os gays lideram os “homicídios”: 186 (59%), seguidos de 108 travestis (35%), 14 lésbicas (4%), 2 bissexuais (1%) e 2 heterossexuais. Nessa lista foram incluídos 10 suicidas gays que tiveram como motivo de seu desespero não suportar a pressão homofóbica, como aconteceu com um gay de 16 anos, de São Luís, que enforcou-se dentro do apartamento “por que seus pais não aceitavam sua condição homossexual.” O Brasil confirma sua posição de primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homo-transfóbicos, concentrando 4/5 de todas execuções do planeta. Nos Estados Unidos, com 100 milhões a mais de habitantes que nosso país, foram registrados 16 assassinatos de transexuais em 2013, enquanto no Brasil, foram executadas 108 “trans”. O risco, portanto, de uma travesti ser assassinada no Brasil é 1280 vezes maior do que nos EUA.

O GGB, que há mais três décadas coleta informações sobre homofobia no Brasil denuncia a irresponsabilidade dos governos federal e estadual em garantir a segurança da comunidade LGBT: a cada 28 horas um homossexual

brasileiro foi barbaramente assassinado em 2013, vítima da homofobia. Nunca antes na história desse país foram assassinados e cometidos tantos crimes homofóbicos. A falta de políticas públicas dirigidas às minorias sexuais mancha de sangue as mãos de nossas autoridades. E 2014 começa ainda mais sanguinário: só neste último Janeiro foram documentados 42 homicídios, um a cada 18 horas

Crimes por região, estado e capital. Pernambuco há décadas é o estado onde mais LGBT são assassinados, 34 vítimas, para uma população de 9 milhões de habitantes, seguido por São Paulo, com 29 mortes para 43 milhões de habitantes: o risco de um gay pernambucano ser assassinado é portanto 4 vezes superior aos LGBT paulistas. Roraima com 3 homicídios é o estado mais perigoso para homossexuais em termos relativos, com um índice de 6,15 assassinatos para cada milhão de habitantes, sendo que para toda a população brasileira, o índice é 1,55 vítimas LGBT por milhão de brasileiros. Mato Grosso ocupa o segundo lugar em periculosidade: seus 15 assassinatos representam 4,71 crimes por milhão, seguido do Rio Grande do Norte com 15 mortes, 4,45 por milhão de habitantes. No outro extremo, os estados onde registraram-se menos homicídios de LGBT foram o Acre – aparentemente nenhuma morte nos últimos três anos, seguido do Espírito Santo, cujas 2 ocorrências representam 0,52 mortes para cada milhão de habitantes; o Pará com 0,63, São Paulo com 0,66, Rio Grande do Sul com 1,16, Minas Gerais com 1,21 e Rio de Janeiro com 1,22 mortes para cada milhão de habitantes.

Como nos anos anteriores, o Nordeste confirma ser a região mais homofóbica do Brasil, pois abrigando 28% da população brasileira, aí se concentraram 43% das mortes, seguido de 35% no Sudeste e Sul, 21% no Norte e Centro Oeste. Embora Manaus tenha sido a capital onde foi registrado o maior número de crimes homofóbicos (12), número altíssimo se comparado com os 5 de São Paulo capital, em termos relativos, Cuiabá é a capital mais homofóbica do Brasil, com 17,6 homicídios para quase 570 mil habitantes, seguida de João Pessoa, com 14,3 mortes para 770 mil. Palmas ocupa o terceiro lugar, com 11,6 assassinatos para 257 mil habitantes, enquanto S. Paulo teve 5 mortes de LGBT, o que representa 0,42 para mais de 11,8 milhões de moradores.

Não se observou correlação evidente entre desenvolvimento econômico regional, escolaridade, religião, raça, partido político do governador e maior índice de homofobia letal.

A pesquisa. Segundo o coordenador desta pesquisa, o Prof. Luiz Mott, antropólogo da Universidade Federal da Bahia, “a subnotificação destes crimes é notória, indicando que tais números representam apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, já que nosso banco de dados é construído a partir de notícias de jornal, internet e informações enviadas pelas ONGs LGBT. A realidade deve certamente ultrapassar em muito tais estimativas, sobretudo nos últimos anos, quando policiais e delegados cada vez mais, sem provas, descartam a presença de homofobia em muitos desses “homicídios”. Os autores somente foram identificados em 103 (33%) destes crimes letais, sendo que em 67% não há informação sobre a captura dos criminosos, prova do alto índice de impunidade nesses crimes de ódio e gravíssima homofobia institucional/policial que não investiga em profundidade tais homicídios. Impunidade observada não apenas no pobre e homofóbico Nordeste, como na Bahia, com 18 dentre 20 crimes impunes, mas também no rico e civilizado Sul, como no Paraná, que dos 15 homicídios, 12 permanecem impunes. Para o Presidente do Grupo Gay da Bahia, Marcelo Cerqueira, “mesmo em crimes envolvendo latrocínio (matar para roubar), prostituição de travestis e violência doméstica de casais LGBT, a homofobia cultural e governamental são responsáveis por tais sinistros, pois estigmatizam e empurram as travestis para a marginalidade, permitem o bullying nas escolas, acrescido do efeito pernicioso dos sermões dos fundamentalistas aliados do Governo que demonizam os gays, acirrando sobretudo entre os jovens o ódio anti-homossexual.” Luiz Mott critica a ineficiência da Secretaria Nacional de Direitos Humanos por não disponibilizar banco de dados sobre crimes letais contra LGBT, além de ter divulgado no ano passado número inferior de assassinatos do que os documentados pelo GGB: “mesmo sem verbas, sem apoio institucional, nosso site “Quem a homotransfobia matou hoje” é o único banco de dados disponível online sobre tais crimes. “Por isso é que há mais de uma década o State Department dos Estados Unidos divulga nossos dados em seu relatório anual sobre direitos humanos.”

Perfil das vítimas: Quanto a idade, 7% dos LGBT tinham menos de 18 anos ao serem assassinados, sendo o mais jovem uma travesti de 13 anos, da zona rural de Macaíbas (RN). Foram registrados também 10 casos de suicídio de LGBTs em 2013. Segundo os especialistas em Criminologia, suicidas homossexuais devem ser considerados vítimas da homofobia, entre esses, o ator Walmor Chagas, encontrado morto com um tiro em sua residência em Guaratinguetá, SP, o gay com maior idade, 82 anos. 31% das vítimas tinham menos de 30 anos e 10% mais de 50. A faixa etária que apresenta maior risco de assassinato (55%) situa-se entre 20-40 anos.

Quanto à composição racial, chama a atenção o desinteresse dos jornalistas e policiais em registrar a cor dos LGBT assassinados, apenas 56% das vítimas são identificadas e dentre estas, há pequena superioridade de pardos e pretos, 53% para 47% de brancos. Os/as pretos são o menor grupo vítima da homofobia letal, 3%, estando ausentes no segmento das lésbicas.

Os homossexuais assassinados exerciam 64 diferentes profissões, confirmando a presença do “amor que não ousava dizer o nome” em todas as ocupações e estratos sociais. Predominam as travestis profissionais do sexo, 32 das vítimas (45%), seguidas de 28 cabeleireiros, 17 professores, 7 estudantes, 4 empresários e funcionários públicos, 3 atores e comerciantes, 2 aposentados, autônomos e padres, etc.

Quanto à causa mortis, repete-se a mesma tendência dos anos anteriores, confirmando pela violência extremada, tratarem-se efetivamente tais mortes do que a Vitimologia chama de crimes de ódio: 100 dos assassinatos foram praticados com arma branca (faca, punhal, canivete, foice, machado, tesoura), 93 com armas de fogo, 44 espancamentos (paulada, pedrada, marretada), 31 por asfixia, 4 foram queimados. Constam ainda afogamentos, atropelamentos, enforcamentos, degolamentos, empalamentos e violência sexual, tortura. Quinze das vítimas levaram mais de uma dezena de golpes ou projéteis. Dentre os crimes mais chocantes, destacam-se: Emanuel Bernardo dos Santos, de Serra Redonda, PB, 65 anos, professor e ex-vereador, morreram com 106 facadas e com cabo de foice introduzido no ânus; Eliwellton da Silva Lessa, negro, 22 anos, de São Gonçalo, RJ, após ter sido xingado de

“viado”, o motorista passou três vezes com o carro sobre seu corpo; a travesti Thalia, 31 anos, de Guarulhos, SP, foi morta com 20 tesouradas e teve seu pênis cortado; o funcionário público Everaldo Gioli de Andrade, 37 anos, foi morto num terreno baldio em Cuiabá, seu carro queimado, “o corpo foi encontrado amarrado, com visíveis sinais de tortura, com queimaduras feitas com pontas de cigarro e com mais de 20 golpes de facas e buracos de balas pelo corpo.” Fotos chocantes e descrição desses homicídios encontram-se documentados em <http://homofobiamata.wordpress.com/>

O padrão predominante é o gay ser assassinado dentro de sua residência, com armas brancas ou objetos domésticos, enquanto as travestis e transexuais são mortas na pista, a tiros.

Assassinos: Quanto aos autores destes crimes homofóbicos, a mídia é extremamente lacunosa, já que apenas 1/4 dos homicidas foram identificados nos inquéritos policiais. Destes, 17% tinham menos de 18 anos, demonstrando o altíssimo índice de homofobia.

Entre os jovens, 85% abaixo de 30 anos. 1/5 desses crimes foram praticados por 2 a 4 homens, aumentando ainda mais a vulnerabilidade da vítima. Predominam entre estes criminosos, seguranças particulares, rapazes de programa e ocupações de baixa remuneração, muitos destes crápulas já com passagem pela polícia e uso de revólver, já que 4/5 dessas mortes foram praticadas com arma de fogo.

Crimes Homofóbicos. Seriam todos esses 312 assassinatos crimes homofóbicos? O Prof. Luiz Mott é categórico: “99% destes homicídios contra LGBT têm como agravante seja a homofobia individual, quando o assassino tem mal resolvida sua própria sexualidade e quer lavar com o sangue seu desejo reprimido; seja a homofobia cultural, que pratica bullying contra lésbicas e gays, expulsando as travestis para as margens da sociedade onde a violência é endêmica; seja a homofobia institucional, quando o Governo não garante a segurança dos espaços frequentados pela comunidade LGBT ou como fez a Presidente Dilma, ao vetar o kit anti-homofobia, que deveria ter capacitado mais de 6 milhões de jovens no respeito aos direitos humanos dos homossexuais e mais recentemente, ao ter pressionado os senadores da base

aliada para que não aprovassem o PLLC 122 que equiparando a homofobia ao crime do racismo.” Para o analista de sistemas Dudu Michels, responsável pela manutenção do banco de dados, “quando o Movimento Negro, os Índios ou as Feministas divulgam suas estatísticas letais, não se questiona se o motivo de todas as mortes foi racismo ou machismo, porque exigir só do movimento LGBT atestado de homofobia nestes crimes hediondos? Ser travesti já é um agravante de periculosidade dentro da intolerância machista dominante em nossa sociedade, e mesmo quando um gay é morto devido à violência doméstica ou latrocínio, é vítima do mesmo machismo cultural que leva as mulheres a serem espancadas e perder a vida pelas mãos de seus companheiros, como diz o ditado, viado é mulher tem mais é que morrer!”

O Grupo Gay da Bahia disponibiliza em seu site <http://homofobiamata.wordpress.com/> o banco de dados completo com todas as notícias de jornal, vídeos, tabelas e gráficos sobre todos os 312 assassinatos de LGBT de 2013, assim como o manual “Gay vivo não dorme com o inimigo” como estratégia para erradicar esse “homocausto”.

Solução contra crimes homofóbicos. Para o Presidente do GGB, Marcelo Cerqueira, “há quatro soluções emergenciais para a erradicação dos crimes homofóbicos: educação sexual para ensinar aos jovens e à população em geral o respeito aos direitos humanos dos homossexuais; aprovação de leis afirmativas que garantam a cidadania plena da população LGBT, equiparando a homofobia e transfobia ao crime de racismo; exigir que a Polícia e Justiça investiguem e punam com toda severidade os crimes homo/transfóbicos e finalmente, que os próprios gays, lésbicas e trans evitem situações de risco, não levando desconhecidos para casa e acertando previamente todos os detalhes da relação. A certeza da impunidade e o estereótipo do gay como fraco, indefeso, estimulam a ação dos assassinos.”

Violência contra homossexuais

Por Dr. Dráuzio Varella.

Não há descrição de civilização alguma, de qualquer época, que não faça referência à existência de mulheres e homens homossexuais. Apesar dessa constatação, ainda hoje esse tipo de comportamento é chamado de antinatura.

Os que assim o julgam partem do princípio de que a natureza (ou Deus) criou órgãos sexuais para que os seres humanos procriassem; portanto, qualquer relacionamento que não envolva pênis e vagina vai contra ela (ou Ele).

Se partirmos de princípio tão frágil, como justificar a prática de sexo anal entre heterossexuais? E o sexo oral? E o beijo na boca? Deus não teria criado a boca para comer e a língua para articular palavras?

Se a homossexualidade fosse apenas perversão humana, não seria encontrada em outros animais. Desde o início do século 20, no entanto, ela tem sido descrita em grande variedade de espécies de invertebrados e em vertebrados, como répteis, pássaros e mamíferos.

Em virtualmente todas as espécies de pássaros, em alguma fase da vida, ocorrem interações homossexuais que envolvem contato genital, que, pelo menos entre os machos, ocasionalmente terminam em orgasmo e ejaculação.

Comportamento homossexual envolvendo fêmeas e machos foram documentados em pelo menos 71 espécies de mamíferos, incluindo ratos, camundongos, hamsters, cobaias, coelhos, porcos-espinhos, cães, gatos, cabritos, gado, porcos, antílopes, carneiros, macacos e até leões, os reis da selva.

Relacionamento homossexual entre primatas não humanos está fartamente documentado na literatura científica. Já em 1914, Hamilton publicou no *Journal of Animal Behaviour* um estudo sobre as tendências sexuais em macacos e babuínos, no qual descreveu intercursos com contato vaginal entre as fêmeas e penetração anal entre machos dessas espécies. Em 1917, Kempf relatou observações semelhantes.

Masturbação mútua e penetração anal fazem parte do repertório sexual de todos os primatas não humanos já estudados, inclusive bonobos e chimpanzés, nossos parentes mais próximos.

Considerar contra a natureza as práticas homossexuais da espécie humana é ignorar todo o conhecimento adquirido pelos etnologistas em mais de um século de pesquisas rigorosas.

Os que se sentem pessoalmente ofendidos pela simples existência de homossexuais talvez imaginem que eles escolheram pertencer a essa minoria por capricho individual. Quer dizer, num belo dia pensaram: eu poderia ser heterossexual, mas como sou sem vergonha prefiro me relacionar com pessoas do mesmo sexo.

Não sejamos ridículos; quem escolheria a homossexualidade se pudesse ser como a maioria dominante? Se a vida já é dura para os heterossexuais, imagine para os outros.

A sexualidade não admite opções, simplesmente é. Podemos controlar nosso comportamento; o desejo, jamais. O desejo brota da alma humana, indomável como a água que despenca da cachoeira.

Mais antiga do que a roda, a homossexualidade é tão legítima e inevitável quanto a heterossexualidade. Reprimi-la é ato de violência que deve ser punido de forma exemplar, como alguns países fazem com o racismo.

Os que se sentem ultrajados pela presença de homossexuais na vizinhança, que procurem dentro das próprias inclinações sexuais as razões para justificar o ultraje. Ao contrário dos conturbados e inseguros, mulheres e homens em paz com a sexualidade pessoal costumam aceitar a alheia com respeito e naturalidade.

Negar a pessoas do mesmo sexo permissão para viverem em uniões estáveis com os mesmos direitos das uniões heterossexuais é uma imposição abusiva que vai contra os princípios mais elementares de justiça social.

Os pastores de almas que se opõem ao casamento entre homossexuais têm o direito de recomendar a seus rebanhos que não o façam, mas não

podem ser fascistas a ponto de pretender impor sua vontade aos que não pensam como eles.

Afinal, caro leitor, a menos que seus dias sejam atormentados por fantasias sexuais inconfessáveis, que diferença faz se a colega de escritório é apaixonada por uma mulher? Se o vizinho dorme com outro homem? Se, ao morrer, o apartamento dele será herdado por um sobrinho ou pelo companheiro com quem viveu trinta anos?

Legislação Municipal contra a Homofobia

Recife - PE Nº 16.780, de 28 jun. 2002.

Toda forma de discriminação é odiosa e constitui crime contra a pessoa e aos Direitos Humanos como um todo. A discriminação com base na prática e comportamento sexual do indivíduo é crime e deve ser tratado e punido como tal, na forma da presente lei.

Recife - PE Nº 17.025, de 13 set 2004

Pune nos termos desta Lei qualquer ato discriminatório aos homossexuais, bissexual ou transgênero; Institui o dia 17 de Abril o dia da diversidade sexual e dá outras providências.